

ASSIGNATURAS

ANNO..... 20\$000
SRMST'NK... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas

25, RUA DE S. JOSÉ, 25

APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Diz-se á puridade que os próceres da colligação, forçados por circumstancias imperiosas, resolveram mandar á fava a novissima refórma eleitoral, que se apregoára um golpe moralizador, um golpe mortal na fraude, nessa miseria de descarada deturpação do voto, erigida, nestes tristes quinze annos de governo democratico, em principio regulador da politica.

Após maduro estudo da situação, não tendo coragem de excluir da chapa velhos amigos incapazes, verdadeiros homens de palha do incondicionalismo, não podendo chegar a um accordo entre esses sacrificios e a indicação de novos filhotes da fecunda politica dos governadores, foi assentado o alvitre de deixar as coisas como estavam e como estão, conservando essa admiravel unanimidade, esmagadora dos idéaes republicanos e dos brios nacionaes.

As chapas serão completas em quasi todos os Estados, menos em alguns que tomaram ao serio a refórma, fizeram qualificações tão correctas, quanto permittiu a entranhada dissolução de costumes politicos, ou crearam, de accordo com a transformação do eleitorado, compromissos que não pôdem mais ser rôtos sem grande perigo para os resultados da eleição.

Para poupar canseiras, maçadas, desgostos, para não crear dissidencias que abrissem fendas na solidariedade formidavel dos detentores do poder, foi melhor abandonar luxos, melindres pueris, vacillações sentimentaes e tomar francamente o partido de empregar os velhos processos deturpadores da liberdade do voto, da representação das minorias.

E' incomparavelmente melhor conservar esse pessoal certo, malleavel, páu para toda obra, passivo, obediente, de dedicação provada, do que accei-

tar recntas, sem habito do cabresto, gente chucra que tenha ainda coegas da espora, ou comichões da cangalha. E muito mais perigoso será, por simulacro de obediencia á promessa constitucional da representação das minorias, introduzir no Parlamento uma patulha de opposicionistas, de insubordinados, que a pretexto de independencia e de civismo, venha crear dificuldades aos chefes politicos, ao Governo, refugando obediencia cega ás suas ordens e deliberações.

E pensando bem nesse momentoso caso, se verifica que, introduzindo na Camara duas duzias de homens trefegos, irrequietos, recalcitrantes á rédea como o notavel sr. Barbosa Lima, Bricio Filho e pouquissimos outros de queixo duro, surgiria a necessidade de dar, a cada momento, explicações de coisas que se não explicam, de apparelhar gente para responder aos ataques da opposição em confrontos vexatorios e, finalmente, haveria a inconveniencia de pôr á mostra a calva da incapacidade chata, nulla, desprezível da grande maioria dos *eleitos* da politica dos governadores.

A representação das minorias teria o deleterio effeito de quebrar a harmonia monotona, essa adoravel placidez de pantano, graças ás quaes tem fermentado e proliferado essa fauna exotica dos nullos inconscientes, emulctos de todos os sublimes attributos da personalidade, instrumentos de tracção animada do carro do despotismo, acampando triumphantemente nesse ininterrupto carnaval de democrocia sul-americana.

Além dessa inconveniencia (termo que tradúz genuinamente o preceito da tolerancia de todas as monstruosidades), a representação da minoria seria um pernicioso contagio de insubordinação. E não seria mais possivel organizar leis orçamentarias nos paroxismos dos trabalhos do Congresso, não haveria meio de encaixar nelle o rosario de pretenções inconfessaveis,

incompativeis com a luz, com o esmeril de nma discussão energica, depuradora.

E' preciso ainda considerar que o futuro não se antolha como fagueira aurora rosiclér, numa apothese pomposa da victoria das esperanças soffregas. Ha espaços escuros, porventura mysteriosos, pelo menos nublados de duvidas, nos vaticinios mais autorizados. Dahi, a necessidade de aguerir phalanges de gente do peito e guarda-costas seguros para oppor uma resistencia proficua aos caprichos do outro que se conserva nnuma nudez mysteriosa de esphinge, de cocoras nas cumiadas das alterosas montanhas, a ruminar, nnuma immobilidade ameaçadora, os transcendentales problemas do futuro.

Urge, como medida de salvacão dessa funesta e africana politica dos governadores, encerrar o sr. Affonso Penna num apertado bloqueio, onde se lhe tolha a liberdade de acção, onde elle se não possa dar ao luxo de escrupulos sentimentaes, onde seja forçado a obedecer como os outros, passivamente, incondicionalmente, para não dar com os burros n'agua.

Não se comprehende, não é mais admissivel a Republica sem os seus vicios precoces, sem essas deformidades repulsorias, transformadas pelo habito de tolerancia em modelos de perfeição da arte de governar povos que não sabem ler, povos desfibrados em plena degenerescencia. Submeter as anchyloses dessa Republica aos aparelhos da Constituição para restaural-a ao geito legal, seria perigosissima intervenção cirurgica, superior aos affoitamentos de mestre do senador Barata Ribeiro. É, portanto, indispensavel consolarmo-nos com o moustrengo, com a corcunda que se lhe formou pela permanente postura de humilhação, com as pernas zambras, com os olhos vesgos e todas as anormalidades physicas e moraes que fazem desse typo teratologico o

encanto dos politiqueros profissionaes.

Viva a gallinha com a sua pevide. Peior é mecher-lhe, Magdalena, nessa maravilhosa politica dos governadores, que continuará a aviltar-nos, pacificamente, com a sua omnipotencia irresponsavel.

Curvemo-nos constrictos, humilhados e ... applaudamos.

* * *

Pelo feitio dos acontecimentos, não se pôde mais duvidar que os reformadores do regimen eleitoral tenham perdido o seu latim ou emenda-do para peior o exdruxulo soneto, demonstrando, uma vez mais, que nada valem leis sem a correcção da bocca torta dos costumes. E' um absurdo sobrecarregar a litteratura legislativa com essas tentativas demasiado reproduzidas e, afinal, ridiculas.

As refórmas eleitoraes são moldes de cêra para fundirem pretenções candentes: o molde se adapta á fraude ou se defórma, obedece aos contornos dos diplomas renovados *pro formula*, porque são titulos inalienaveis, incorporados ao patrimonio de alguns favoritos afortunados.

A lei, que era o fóco das esperanças, dos ingenuos desherdados do patrimonio da soberania nacional ou a grande maioria da nação, começou a ser deturpada na primeira experiencia de execução nos Estados, onde se estabelecem, em condições muito mais despoticas, o regimen colonial das capitancias com donatarios vitalicios, governados por uma burocracia que se pôde comparar, em ganancia e nos effeitos desastrosos para a reputação do paiz, a essa de cossacos brutissimos que estão offerecendo ao mundo o lobrego espectáculo de uma perversidade inédita, estranha, de uma selvageria primitiva, feróz, derramando caudaes de sangue no immenso territorio da Santa Russia, para agrilhoar o pensamento de mais de cem milhões de creaturas, para obstar que ascendam da condição de alimaria, pagadora de impostos, á dignidade humana com todas as prerogativas da liberdade.

No grão-ducado do Ceará, os cossacos da dynastia do seu repugnante sóba, depois de crearem todos os obstaculos á qualificação dos adversarios,

negando-lhes pão e agua, recorreram della fóra do prazo legal ao despertarem, assombrados ante uma legião de quatorze mil eleitores, dispostos a salvarem a dignidade da terra onde a liberdade era uma gloriosa tradição, a terra da luz.

O juiz Studart, nomeado com um desplante que assombrou a nação inteira, iniciou a sua funesta magistratura de servo accyolino, trucidando, de pancada, com uma inconsciencia de foice, cincoenta eleitores da opposição.

Em outros Estados, a qualificação foi feita com a regularidade relativa aos costumes politicos; mas os seus resultados ficarão, como dantes, subordinados ao terceiro escrutinio em que os suppositos representantes da nação porão em contribuição, para as depurações iniquas, monstruosas, todos os recursos da chicana, todas as rasteiras da capoeiragem partidaria, todas as alicantinas da fraude, as mais disfarçadas extorsões para obterem uma maioria compacta, uniforme, certa, incontrastavel, que seja o docil instrumento da realização de planos que não vizam os interesses do paiz, interesses afastados dos programmas ou figurando nelles em minima doze, como traço de ornamentação.

Si é verdadeira a perspectiva que se nos depara, si as suas linhas não são deformadas pela desconfiança, pelas suspeitas excessivamente justificadas pelos factos, não se pôde prever com acerto aonde iremos parar.

Para quem appellar si o functionalismo administrativo, inclusive a justiça, está nas mãos delles, dos dominadores, que reputam licitos todos os meios para se manterem no rochedo do poder com uma adherencia de ostra, e só consideram, em politica, coisa vergonhosa perder eleições.

Quando chegam ás suas orelhas formidaveis e indifferentes protestos legitimos, evidentes reclamações do direito postergado, quando lhes fallcem todos os elementos de justificação, respondem com um sorriso de superior ironia: politica é isso que está regulando, o divorcio da moral, a consagração da fraude.

Mas é prudente considerar que assim respondiam os *leaders* da burocracia moscovita, assentados na tranquillidade desdenhosa, garantidos

pela omnipotencia absoluta, cimentada por mnitos seculos de servilismo, pelos direitos sagrados de uma antocracia florescendo numa floresta de bayonetas, cujo prestigio era ractificado pelas convincentes linguas do *knut*. Elles, esses refractarios da civilização, estavam persuadidos de que um governo de povo anesthesiado na ignorancia, tendo o apoio da força — espadas, fuzis, canhões e chicote, — podia prescindir de raizes no coração do povo.

O despertar foi terrivel, essa sanguieira que está choviscando sobre a corôa, e já ensopou os degraus do throno, e ameaça de derrocamento o colosso.

Que Deus nos preserve de catastrophe semelhante é o nosso sincero voto; mas para ella nos estão encaminhando aquelles que vão dirigindo os destinos da nação com a commovente indifferença da irresponsabilidade.

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

A velha e debatida questão dos moeis explicativos da decadencia das nações peninsulares não adeanton um passo com a doutrina do professor do *Pedagogium*.

Si o decantado parasitismo firma-se mal no erro historico da invenção de doze seculos de guerra desabrida e na subseqente falsa depredação das colonias por dilatados tresentos annos, a decadencia não se pôde explicar por um facto tão mal escorado.

Para mostral-o, basta uma simples consideração: a decantada decadencia das nações ibericas data, quanto a Portugal, segundo todos os historiadores, dos fins do reinado de d. Sebastião, (1557-1578) chegando até o reino a perder a independencia dois annos após o desaparecimento do *Encoberto* (1580); e quanto á Hespanha, desde os fins do reinado do famoso *Demonio do meio dia*, Philippe II, reinado que se distendeu de 1556 a 1598.

Ora, até então, a colonização da America tinha apenas sido iniciada. No Brazil, até 1530, nada se fez. Desta epocha até ao meiado do seculo, foi a phase dos donatarios, que quasi nada puderam conseguir.

A ultima metade foi a das primeiras tentativas mais serias por parte da realeza; mas o seculo, conforme provou Varnhagen, fixou com um

deficit notavel para o governo portuguez.

Analogia foi a evolução, nesse periodo, das colonias hespanholas.

Os conquistadores gastaram esse tempo em descobrir as terras, lutar com os indigenas, fundar as primeiras cidades, estabelecer o governo e as normas da administração, tudo com o animo claro de quem pretendia fazer casa e ficar, é certo, mas com minúsculas vantagens.

Si tudo isto é a verdade, resulta dos factos que a decadencia das metropoles se manifestou bem antes de começarem a tirar proveito serio de suas colonias americanas, e não passa de um crasso dislate fazel-a depender dum *parasitismo* que não tinha ainda podido começar...

A explicação do sr. dr. Bomfim offerceria certo gráu de verosimilhança, si a decadencia, resultado da depredação parasitaria, se tivesse revelado após um ou dois ou tres seculos de vida regalada á custa alheia.

Foi o que se não deu. Em 1580 e 90, já a decadencia lavrava forte nos dois paizes ibericos, prolongando-se por todo o decorrer do seculo XVII.

Pelo que toca ao seculo XVIII, ha ainda uma observação a fazer, que destróe pela base a theoria do auctor sergipauo.

Esse seculo foi quasi todo, em Hespanha, preenchido por tres reinados de principes de primeira ordem: Philippe V (1700-45), Fernando VI (1745-59), Carlos III (1759-88). Foi uma epocha de renascimento, de largo progresso, de animação e de vida.

Si verdadeira fôra a doutrina de Manoel Bomfim, essa renovação não se poderia ter dado; porque, nesse tempo, já a gente hespanhola devia estar desgraçada por mais de um seculo de parasitismo na America; porquanto, si parasitação houve, esta se deveria ter dado desde fins do seculo XVI e por toda a extensão do XVII, e os viciados hespanhões deveriam estar cada vez mais orgulhados na pasmaceira, na dormite miseria de seu descaír.

Abatidos desde os fins do reinado de Philippe II e sob os governos dos miseros principes que se chamaram Philippe III, Philippe IV e Carlos II, (1598-1700), os hespanhões, sempre *parasitando* no pensar do nosso Manoel, levantam a cabeça, chegam a parecer regenerados sob Philippe V, Fernando VI e Carlos III, e, sempre *parasitando* na phantasia de Bomfim, cáem de novo com Carlos IV José Bonaparte e Fernando VII...

O parasitismo, que chega a consentir periodos tão diversos entre si na vida de seus adeptos, tantos altos e baixos na existencia de seus sequa-

zes, é uma doutrina, pelo menos, muito elastica...

Em Portugal, no seculo XVIII, deu-se egual phenomeno no reinado de d. José, com a alta capacidade do marquez de Pombal: a safadeza parasitistica não pôde impedir uma evolução para adeante, depois de uma devastação de perto de duzentos annos, a admitir-se que tenha esta começado, quando muito, alli, por 1580 ou 90.

Claro é, por todos estes motivos e muitos outros que poderiam ser adduzidos, que o sr. Manoel Bomfim, com seus delirios parasitarios, não faz idéa clara do que fôram a grandeza e a decadencia da Hespanha.

Embrulha e confunde tudo. Arranca das cinzas duma fogueira de doze seculos, sem mais *tirte nem guarde*, uma nação forte, grande, prospera, adeantada, progressiva, culta e illustre sob todos os litulos.

Verdade é que o nosso mestrinho do *Pedagogium* não é o primeiro a se servir dessa linguagem, que sempre me pareceu soffrivelmente illusoria e falsa.

Sempre tive para mim que os horrores da fogueira não fôram tamanhos ou a grandeza da Hespanha tão notavel como se assoalha.

O atropelo dos factos é tal nas paginas da *America Latina*, que nem se sabe quando começa nem quando acaba a grandeza da Hespanha, nem quando começa e acaba o seu parasitismo.

«...Essas nações, escreve Bomfim, fôram, em tempos relativamente bem proximos, excepcionalmente *poderosas, ricas e adeantadas*.

Houve um momento, *ha pouco mais de tres seculos*, em que a Hespanha dominou a Europa e avassalou o mundo *quasi inteiro*. Nessa epocha, os povos ibericos estiveram effectivamente *na vanguarda do progresso*; a civilização da peninsula foi das *mais brilhantes e fecundas*, nesse momento ephemero. Arrancando-se a um domidio estrangeiro, aquelles povos se constituiram em nacionalidades, *perfeitas* para sua epocha, *vigorosas, activas, brilhantes*; o seu poder era incontrastavel em terra e absoluto nos mares; as suas energias offuscaram, então, a historia dos outros povos». (Pag. 24).

Esse momento de gloria hespanhola *foi ha pouco mais de tres seculos*, o que nos transporta ao seculo XVI.

O livro do dr. Bomfim foi escripto, ao que consta, em 1903; tirados os tres seculos, cáimos em 1603; mas a *grandeza foi algum tanto anterior*, o que nos leva a 1580 ou 90, si quizerem. A contar dahi para atraz até 1500 ou 1492, pois que o auctor allude á queda de Granada, é que se distende o *momento ephemero* do apogeu hespanhol.

É o periodo de Fernando e Izabel, Carlos V e Philippe II; não resta duvida, e o proprio auctor o confirma linhas abaixo nestas palavras: «A Hespanha não é hoje a sombra, siquer, do que foi no seculo XVI. Então, ella era a *primeira entre as nações da Europa*...» (Pag. 25).

Entretanto, o guapo escriptor, com um enthusiasmo que merecia melhor emprego, se encarrega de deitar fóra esse mesmo seculo de grandezas, de apagá-lo, pois que, paginas adeante, escreve: «Um seculo de *estagnação politica*, de conservatismismo systematico, é um seculo de *regresso social*. As nações da peninsula viveram assim, *não um seculo, mas tres*.

No momento em que *normalisaram a vida como parasitas* — entenderam todos que estavam no melhor dos mundos, e que o essencial *era não modificar em nada a situação*. A Inquisição e a Companhia de Jesus incumbiram-se de *matar todas as velleidades de progresso*...» (Pag. 104).

Alli, o seculo XVI foi um periodo em que a Hespanha *foi invencivel, absoluta em poder incontrastavel em mar e em terra, avassalou o mundo quasi inteiro, dominou a Europa, offuscou a historia dos outros povos*, série esta de exaggerados despropositos que encerram outras tantas falsidades.

Aqui, o mesmo seculo XVI não passou de uma epocha de *estagnação, de regresso social, que serviu apenas para normalizar a vida dos hespanhões como parasitas e na qual se mataram todas as velleidades de progresso*...

É de desorientar a cabeça mais solidida; fica-se sem saber o que pensa, na realidade, o Manoel, por conta do seculo de Colombo e Camões. Nem se ouze dizer sophisticamente que o famoso seculo XVI não está em o numero dos *tres* em que as gentes da peninsula *viveram*, na phrase de Bomfim, *na estagnação*.

Contra tal interpretação, protesta todo o livro no qual se dá de principio a fim o seculo XIX como *sendo* aquelle em que os povos ibericos, perdidas as colonias, começaram a regenerar-se, sendo os tres anteriores (XVI, XVII e XVIII) os da *estagnação parasitaria*.

E para que não reste a mais leve duvida ácerca do direito que tem a epocha de *quinhentos* ao seu quinhão na safada pasmaceira parasitaria, o impavido psychologo do *ciúme* brada com requintes de quem tem desejos de empolgar a fé alheia:

«Quando começou a colonização da America, já as nações peninsulares *estavam viciadas no parasitismo*, e o regimen estabelecido é, desde o começo, um regimen *preposto exclusivamente á exploração parasitaria*». (Pag. 110).

É a uma gente assim, viceralmente

viciada, barbaresca gente affeita a depredações, suída de uma lucta selvagem de doze seculos, que, de repente, sem transição, sem apprendizado, se outorga o poder de avassalar e deslumbrar o mundo!

Ha nisto uma contradicção intrinseca, um pronunciado ataque ao bom senso, que a sciencia psychologica de todos os Bomfins não consegue apagar, ou attenuar siquer. E' mysterioso encurtar o raio dos elogios ou o das censuras, o das grandezas ou dos defeitos.

Eu, por mim, encurtaria ambos: nem as gentes peninsulares são portadoras de tantas mazéllas, como pensa o auctor da *A America Latina*, nem ellas fizeram tão assombrosas coisas, como elle inconscientemente repete, reproduziudo phrases de declamadores incorregiveis. A investigação das causas da decantada decadencia das nações ibericas tem dado logar a uma vasta litteratura.

Para com firmeza apreciar o livro do escriptor sergipano, tive ensejo de reler quatro dos mais correntes estudos consagrados ao assumpto: os de Anthero de Quental, de Oliveira Martins, de Th. Buckle e de Pompeyo Gener.

As *Causas da decadencia dos povos peninsulares*, de Anthero, são um discurso emphatico, sonoro e cantante, onde a phrase predomina sobre a idéa, phenomeno mui do gosto de phantastas e meridionaes, que trocam fatalmente doutrina por palavreado. E' uma peça de estylo, na qual ponco ha a apurar. A idéa mais aproveitavel que dalli se pôde extraír, verdadeira mas não original, é a de que as gentes ibericas não collaboraram na formação e desenvolvimento da sciencia moderna. «Durante duzentos annos de fecunda elaboração, refórma a Europa culta as sciencias antigas, cria seis ou sete sciencias novas, a anatomia, a physiologia, a chimica, a mechanica celeste, o calculo differencial, a critica historica, a geologia: apparecem os Newtons, os Descartes, os Bacons, os Leibnitzs, os Harveys, os Buffons, os Duncangés, os Lavoisiers, os Vicos; onde está, entre os nomes destes e dos outros verdadeiros heróes da epopéa do pensamento, um nome hespanhol ou portuguez?» São palavras de Anthero, que occorrem no discurso por Manoel Bomfim attribuido a Theophilo Braga, insultador posthumo do poeta das *Odes Modernas*.

Já bem antes do escriptor portuguez, Buckle, na *Historia da Civilisação na Inglaterra*, tinha insistido, como principal causa da decadencia de Hespanha, na ausencia alli do cultivo das sciencias no pavoroso periodo.

Oliveira Martins, numa synthese immethodica e tumultuaria, allude ao

desequilibrio geral de toda a vida das nações peninsulares, causado pelo ouro da America, ouro que as corroupeu e as fez descer os degráus do tumulo; e mais á necessidade de sustentar interminaveis guerras, que levou Carlos V a adoptar expedientes financeiros que roubaram a maior parte dos capitaes ás industrias productivas da nação; aos empréstimos forçados; aos aboletamentos obrigados das tropas; ás falsificações da moéda; aos monopolios e direitos das alfandegas que estancaram as fontes da riqueza commercial; ao abandono do trabalho agricola o das industrias, atrás das miragens da America e da India; á expulsão dos judeus e dos mouros; á ignorancia, geradora do fanatismo e da intolerancia, e mais vinte outras causas secundarias, quasi todas já dantes tambem apontadas pelo alludido pensador inglez.

O mais interessante, porém, é que, depois de desfiar o seu rosario de causas, Martins, como que se arrepende de as ter enumerado, faz uma parada subita e declara que todas ellas são impotentes para explicar o facto: o que matou a Hespanha foi a *grandeza da extraordinaria idéa, por ella concebida, cuja realisação heroica a extenuou!*

E' quem saber qual é essa grande obra e essa grande idéa, que o auctor portuguez compara ao *Renascimento* na Italia, e á *Refórma* na Allemanha? E' a *Inquisição!*!

«Quem estudou a historia de Roma na *Renascença*, sabe quanto o estado a que o christianismo chegára, o tornava insufficiente para as almas piedosas. Ali reside a causa intima dos movimentos reformadores, que rebentam parallelamente na Hespanha e na Allemanha, dando, de si, a *Inquisição* na primeira, o *Protestantismo* na segunda». E' incrível; mas está escripto. A *Inquisição* dada como um movimento reformador que achava insufficiente o christianismo para as almas piedosas!!

E' impossivel mais barbaridades em tão poucas linhas. E tal é o enthusiasmo de Martins, que, logo em seguida, assevera que foi a *Inquisição* que descobriu o *Novo-Mundo* e venceu o antigo. Parece um delirio com 42 gráus de febre: «...Entre o *mysticismo* dos allemães, o *naturalismo* dos italianos e o *idealismo* peninsular; entre o sentimento que leva aos delirios dos anabaptistas, o que leva ás monstruosidades dos Borgias, e o que leva a formar a pleiade dos heróes que dominaram o velho mundo e descobriram o novo, a palma cabe ao ultimo, apezar das suas funestas consequencias». (*Historia da Civilisação Iberica*, pag. 257 e 58; 2ª edição.)

Na *Refórma* só vê de predominante

o fervor dos anabaptistas; no *Renascimento*, os crimes dos Borgias. Digna visão historica de quem faz nascerem da *Inquisição* os heróes da península!

Nem ao menos se lembra que a melhor parte delles vingou antes e a outra a despeito della. Nem ao menos se lembra de notar o abysmo que váe da Refórma, fonte de vida para o norte da Europa, e da Renascença, principio de renovação para a Italia, á *Inquisição*, germen de morte para a Hespanha

E' a um gerador de extravagancias deste e de peor quilate que o sr. Manoel Bomfim vive a pedir lições, copiando-lhe paginas e paginas. E' que o auctor da pretensa *Historia da Civilisação Iberica* era ardente cultor do palavreado campanudo, retumbante, imponderado e vasio, muito do gosto e da admiração de todos os mendigos de idéas e saber, que enchem a actual phase litteraria brasileira. E' o troço onde se recrutam os sacerdotes e officiantes desse néo-byzantinismo soado que anda agóra a dissertar sobre o *ciúme*, a *tristeza*, a *dôr*, o *pé*, a *mão*, o *beijo*, a *agua*, a *preguiça*, a *asnidade* e outros problemas assim.. Deixemol-os; porque urge passar a outro analysta das causas da decadencia de Hespanha: Henrique Thomaz Buckle, que foi a fonte principal em que beberam Anthero, Martins e o proprio Pompeyo Gener.

O caso da Hespanha, na obra do valoroso escriptor britaunico, ocorre para corroborar a theoria historica do auctor. Sabe-se que Buckle doutrina ser a civilisação essencialmente movida pelo concurso de duas ordens de forças: as *physicas* e as *mentaes*, predominando as primeiras nos antigos tempos e outras nos modernos. Estabelece mais a divisão das energias mentaes em *moraes* e *intellectuaes*, sendo estas ultimas as que impellem para deante os povos.

Na Hespanha deu-se, por dilatados seculos, pressão rigorosa do meio exterior, quasi sem resistencia da parte de populações mal aparelhadas para resistir-lhe, e subseqüente dominio das forças *moraes*, religião, governo, tradições, costumes, com prejuizo dos largos impulsos intellectuaes movidos pela sciencia.

O andar normal da civilisação executa-se, na opinião do philosopho, conforme os quatro principios seguintes: 1º, o progresso humano depende da segura investigação das leis dos phenomenos da natureza e da proporção em que se espalha o conhecimento destas leis; 2º, para que tal investigação possa ter início, mysterioso é que surja fecundo espirito de *duvida* que, auxiliar a principio das pesquisas, é depois por ellas ajudado; 3º, os descobrimentos por esse caminho alcançados

fazem crescer o prestigio das verdades intellectuaes e diminuem, relativamente, a influencia exclusiva das leis moraes; porque estas, não podendo tornar-se tão numerosas, são mais estacionarias que as intellectuaes; 4º, o grande inimigo deste movimento ascencional, e pois o grande inimigo da cultura, é o espirito *protector*, isto é, a idéa que a sociedade não pôde prosperar sem a guia e o auxilio do Estado e da Igreja nos menores passos da vida, encarregando-se o Estado de ensinar aos homens o que devem fazer, e a Igreja o que devem crer.

Na península iberica, os tres primeiros principios tiveram negativa realisação e o ultimo reinou d'alto a baixo com um despotismo cruel. Na demonstração desta these, o pensador inglez traça um quadro de mão de mestre do meio physico da península e da evolução das suas populações do V ao XIX seculo da éra vulgar. Tendo nas theses geraes de seu livro estabelecido que, entre os factores physicos, tem singular predominio o que elle chama *o aspecto geral da natureza*, factor este que, nas primitivas civilizações tropicaes, tinha sido o agente principal da *superstição*, com o inflamar a imaginação do homem, impedindo-o de analizar phenomenos physicos que lhe pareciam ameaçadores, não se esquece de notar que, de todos os paizes da Europa, é a Hespanha o que, sob tal ponto de vista, tem mais semelhanças com as regiões tropicaes.

Aponta o *calor* e a *secura* do clima, augmentados pelas difficuldades da irrigação, o que tem sempre levado o sólo ao estado de extrema aridez. A esta causa e á *raridade das chuvas*, attribue o ser a península, mais do que qualquer outra região européa, devastada pelas *séccas* e as *fomes*. Estas vicissitudes do clima, maximé nas regiões centraes e meridionaes faziam da Hespanha uma terra *insalubre*, o que, com a frequencia da *fome* durante a idade-média, tornou demasiado graves as devastações da *peste*.

Lembra, em seguida, os *terremotos* que, por vezes, tem causado alli grandes desastres e ajudado a superexcitar os sentimentos *supersticiosos*. Allude ao predominio da vida *pastoril* em vastas zonas da península, com seu caracter meio *nomada* e subsequente desprazer pelos habitos regulares da vida agricola. Não deixa de mostrar como esta tendencia se viu reforçada pelos azares da guerra de reconquista. A vida tornou-se incerta, o *amor das aventuras* e o *espirito romanesco* espalharam-se por toda a parte. Tudo se tornou precario, inquieto, alleatorio; *pensar* e *investigar* era impossivel, a *duvida* não podia surgir e o caminho das crenças enraizadas e *fanaticas* e o caminho da *superstição* estavam aber-

tos. Pelo que toca á acção da historia, o escriptor inglez firma com força o facto de, na formação da Hespanha moderna, logo no V seculo, quando se lançaram os novos elementos do povo actual, ter-se visto a geração que surgia para os novos destinos, forçada a *uma guerra pela independencia*, que foi, ao mesmo tempo, *uma guerra pela religião*.

Foi o caso que os francos, convertidos ao christianismo, por serem *orthodoxos*, moveram guerra aos visigodos, sectarios da doutrina de Ario. A heresia *ariana*, seguida pelos suévos e godos, por cento e cincoenta annos teve na Hespanha seu principal baluarte. A igreja estimulou Clovis e seus successores a fazerem a guerra aos visigodos *incredulos*. Nessas luctas, que duraram perto de cem annos, o imperio visigothico esteve a dois dedos de total ruina. As provincias que possuía na Gallia, fôram perdidas, e as da Hespanha seriamente ameaçadas. Dest'arte, uma guerra pela independencia nacional era, ao mesmo tempo, uma guerra pela religião nacional, e uma alliança intima se realizou, naturalmente, entre os reis arianos e o clero ariano.

« Hence, in Spain, a war for national independence became also a war for national religion, and an intimate alliance was formed between the arian kings and the arian clergy. »

Aqui está a origem primeira da enorme influencia que sempre exerceu o clero em Hespanha. Quando no VI seculo, os reis visigodos se converteram á fé orthodoxa da Igreja, o clero latino veio a gozar de ajuda maior prestigio reconhecido pelos proprios soberanos agradecidos áquelles que os tinham tirado das veredas do erro.

Mais tarde, é a invasão dos arabes e o começo das luctas da reconquista, e uma *nova guerra pela independencia é ainda uma guerra pela religião nacional*. E esta foi demasiado extensa. « A desperate struggle ensued, which lasted eight centuries, and in which, a second time in the history of Spain, a war for independence was also a war for religion. »

Os terriveis azares da guerra trouxeram a *pobreza* dos combatentes christãos por muitos seculos, a grosseiria dos costumes, a *ignorancia* e, com tudo isto, um arraigado espirito de *veneração*, gerador principal da *credulidade* e do *beatismo régio*, da *superstição* e da *subserviencia aos reis*, da *submissão* e do *fanatismo*.

Toda esta parte do livro de Buckle é de uma fina analyse de ethno-psychologia, que merece acurada leitura.

— The Mohammedan invasion made the Christians poor; poverty caused ignorance; ignorance caused credulity; and credulity, depriving men

both of the power and of the desire to investigate for themselves, encouraged a reverential spirit, and confirmed those submissive habits, and that blind to the Church, which form the leading and most infortunate peculiarity of spanish history... And that there is a real and practical connexion between loyalty and superstition, appears from the historical fact that the two feelings have nearly always flourished together and decayed together... These were the great elements of which the spanish character is compound. — Guerra e religião, militares e padres tomam, facilmente, a deanteira a todas as classes.

As relações economicas são descuidadas, a agricultura e as industrias productoras despresadas e entregues exclusivamente ás classes inferiores e servas da *mourisma*. Com a expulsão destas, que é terminantemente imposta pela intolerancia, todos os officios, todos os generos de trabalho, desceram a completa ruina.

Os estudos scientificos não chegaram a organizar-se até tempos proximos a nós; a educação fradesca reinou desassomburada, teve o delirio, compartilhado pelos principes, de depurar a fé e o conseguin accendendo as fogueiras da Inquisição. Morta a vida intellectual, a verdadeira vida espiritual da investigação desassomburada e livre, da sciencia, seccas as fontes productoras do trabalho e da riqueza nacional, caía a gente hespanhola no lastimavel estado de miseria que encheu todo o seculo XVII, chegando a sentir-se fome em Madrid...

Baldados fôram os esforços de grandes reis, como os já citados — Philippe V Fernando VI e Carlos III, para erguer o povo de seu abatimento, levantando-o pelo concurso das idéas livres, arrancando-o do captivo clerical. Debalde.

No tempo de seus successores, todas as grandes medidas fôram desfeitas e tudo voltou ao antigo lethargo.

E' que os povos educados como o hespanhol vivem da tutela e pela tutela do poder, a direcção do alto; e só caminham certo quando são guiados por chefes de valor. Foi assim, na península, com Fernando e Izabel, Carlos V e mesmo Philippe II. Eram principes de intelligencia e energia. Diverso foi o caso com os seus successores — Philippe III, Philippe IV e Carlos II. Fôram principes de um cretinismo, uma boçalidade a mais não poder. A Hespanha rolon com elles ao abyssmo.

Mais tarde, como já ficou notado, com Philippe V, Fernando VI e Carlos III, altos espiritos, houve um renascimento, posto de novo a perder pelos successores destes reis. E' que viciado é o systema de governo que, tendo por base a fidelidade e o respeito do

povo, funda seu successo não na intelligencia de toda a nação e sim na habilidade daquelles a quem se acham confiados os destinos de todos.

O caso da Hespanha serve para mostrar quão impotente é um governo para esclarecer uma nação e quão essencial é que o desejo de progredir venha, antes de tudo, do seio do proprio povo. O progresso só é effectivo quando é espontaneo; o movimento só é fecundo quando sae do interior das massas e não de fóra; quando provém de causas geraes que actuam sobre todo o paiz e todo o povo, e não sobre a vontade de alguns individuos poderosos.

Mergullada na ignorancia, adorando o passado, sem impulsos para reformar suas idéas e sem character, a nação hespanhola, submissa a seus reis e a seus padres, foi-se deixando rolar na decadencia, satisfeita de si propria, descuidosa de tudo que ia fazendo a renovação do mundo.

Dest'arte, fazem-se notar, adiante Buckle, os hespanhóes por uma inercia, uma falta de elasticidade, uma ausencia de esperanza, que os insulam, em nossos tempos, ousados e emprehedores, do mundo civilizado: convencidos de ser pouco o que resta a fazer, não se apressam em o executar.

— Hence the spaniards are remarkable for an inertness, a want of buoyancy, and an absence of hope, which, in our busy and enterprising age, isolate them from the rest of civilized world. Believing that little can be done, they are in no hurry to do it. — (*History of Civilisation in England*, II, pag. 595 e *passim*).

Claro é que não tenho aqui a obrigação de fazer a critica das opiniões de Buckle ácerca das causas da decadencia hespanhola, cuja rapida *silhouette* procurei apenas offerecer.

O fim é mostrar que o historiador britânico andou por largas estradas e não encontrou o parasitismo de Bommim.

Pompeyo Gener, em seu livro *Heregias*, traz um ensaio intitulado — *La Decadencia Nacional*. E' um escripto vibrante em que o celebre auctor de *A Morte e o Diabo* repete quasi todas as observações de Buckle, sem o citar, — máo grado referir mais de cincoenta auctores, alguns dos quaes inglezes. Gener, porém, tem o cuidado de juntar algumas notas que se não deparam na *Historia da Civilização na Inglaterra*. Deste numero é o que refere do concurso das *raças inferiores* na formação do povo hespanhol e da larga parte que tiveram e continuam a ter em sua decadencia.

O estado de inferioridade da civilização em Hespanha é, no pensar de Pompeyo Gener, *essencial* e refractario a toda refórma politica e a quaes-

quer medidas economicas, e só póde ceder a um systema completo de educação que chegue a *modificar o intimo do character nacional*.

Em synthese, as causas dessa inferioridade são :

1.º—As correntes dispareas de raças que concorreram para formar os diversos povos que hoje habitam o paiz;

2.º—O predominio do castelhano, o povo em que mais influiram os máos elementos ethnicos semíticos e pré-semíticos, sobre todas as outras gentes hispanicas;

3.º—O modo como o castelhano, com seus costumes nomado-guerreiros e religiosos, fez a unificação, com o predominio theocratico e monarchico;

4.º—O despovoamento e consequente falta de trabalho e de cultura.

Na demonstração dessas theses, o illustre auctor das *Litteraturas Mal-sauas* traz algumas considerações proprias e repete muitissimas das que já tinham sido feitas por Buckle.

As referentes ao auctor ethnico, posto que eucerrem alguns erros, são as mais interessantes.

Falo de *erros*, porque Pompeyo Gener ainda se deixa resvalar no equivoco de menoscabar dos semitas; de desconhecer a filiação dos *berberes*, que, sob o nome de *iberos*, constituiram e constituem o fundo principal da mór parte das populações hispanicas, e são do ramo *Kamitico*, em que se prendem os *lybios*, *ethiopes* e *cauauéos*.

Convém-me citar uma das muitas passagens attinentes ao ponto, porque parece retrato tirado da fátua gente brasileira.

«No sabemos ya si el intelecto español, en general, es capaz de progresar y civilisarse a la moderna, á causa de la larga serie de causas que han favorecido la aparicion de *atavismos inferiores*. Hay demasiada sangre semítica y berber esparramada por la peninsula para que pueda generalisarse en la mayoria de sus pueblos la sciencia moderna, para que adquieran una conducta conforme á la universales relaciones de la Naturaleza, para que abandonen el pensar con idéas absolutas, *ó sólo con palabras*.

Lo único que se generalisa aqui muy facilmente es la milagreria religiosa ó de otra especie; lo imprevisto, lo imposible, esto es la ley.

Siempre las turbas, marchan detrás de los dres. Garrido. . Aunque se digan liberales los jefes de los partidos españoles, siguen aún mandando á lo Califa. *Su psicologia es oriental*: al que el Sultan toca, aquel es el elegido por Alá para desempeñar cualquier cargo con acierto; no importa que sea un cocinero ó un sastre el elegido; el podrá ser um buen ministro de Ultramar ó de Fomento... Asi obran en el poder los jefes de los partidos y entre estos,

aún los republicanos, los tienen indistinctibles, *y tienen á honor el apellidarse del nombre del jefe*. Un solo hombre disponiendo en absoluto de la conducta pública de un gran grupo de sus semejantes, y hasta de su porvenir colectivo! *Eu España se es de fulana ó de zutano*. Para un castelarista, por ejemplo, una objeción puesta á Castelar es un crimen más grave que para un católico el de atacar el Sacramento. Toda la politica española afecta hoy un bizantinismo deplorable, *una division microscopica inverosimil*; por todas partes predomina un espiritu de *personalismo asqueroso, mantenido por quienes no tienen personalidad de ningún género*: Hemos dicho *bizantinismo* y nos hemos equivocado. En Bizancio se defendian por *verdes y azules* diferencias de dogma, diferencias de idéas fundamentales en la conciencia, pero en el Madrid politico no hay idéas ni hay conciencia ni hay nada.

La cuestión es ser amigo de este ó de quel hombre público que sólo tiene de notable el parecerse á las mujeres que se las designa con el mismo adjetivo.

Si observamos las altas esferas de la capital de la nacion, hallamos sólo el imperio absoluto de la gente del Verbo la aristocracia de la palabreria, el que mejor habla es el que llega más alto; un Washington, un Cromwell, un Cavour, que no fueran oradores, en España, no llegarían á obtener un empeco de seis mil reales. Todos aguzan la facultad del lenguaje y olvidan las otras superiores facultads, pues esta, más facil de cultivar que las otras, és la unica que les abre la via hasta los altos puestos. Y es que en España se cree que el que sabe el nombre de las cosas sabe ya lo que son las cosas, y por lo tanto *producirlas, modificarlas ó gobernalas*.

Asi como los individuos de las civilizaciones orientales se figuraban modificar el curso de los acontecimientos con ciertas palabras adecuadas, aqui también hay fórmulas para producir el progreso, el orden, la riqueza, el bienestar, y no hay ni progreso, ni orden, ni bienestar, ni riqueza, ni nada. . . En cuanto á la manifestación de la intelligencia, Madrid tiene hoy una literatura que se precia de lista y que *muere de animia, falta de ideas, de observación y de estudio*, una literatura cuya gama fluctúa entre *las minuciosidades ortografico-arcaicas de ciertos academicos, y los folletines retórico-pornográficos de los escribidores de oficio*.

A lo más pegan en la corte las degeneraciones de lo moderno, los excrementos de la civilización.» (*Heregias*, pag. 232).

O illustre escriptor tem razão. Por mais minuciosas que sejam ou tenham pretendido ser as considerações devidas aos varios auctores citados

ácerca das causas da decadencia das nações peninsulares, Authero, Martins, Buckle e Pompeyo Gener, não é menos verdade que a estes escriptores não se deparou a conveniencia ou a oportunidade de reduzir aquelles povos a meros *parasitas*. Qualidade é esta que não póde convir a uma nação inteira. Estava reservado do nosso Manoel Bomfim essa maravilha historica e sociologica.

Todos elles notaram a desorganisação do trabalho entre castelhanos; mas não chegaram a conclusão tão absurda.

Todas essas doutrinas, que, aliás, se pódem reduzir a uma só e cujo valor intrinseco não tenho que discutir, repouzam na falta de certas distincções, que, si fôsem feitas, lhes mostrariam quanto forçam alguns factos.

Assim, fazem todos datar a formação dos defeitos dos hespanhões das especiaes circumstancias da guerra de reconquista, circumstancias que encontraram reforço no modo por que se operou a unificação do paiz e nas proezas da descoberta e colonisação das terras d'America, reforço esse que mais ainda veio consolidar os alludidos defeitos.

Ora, não se faz mistér mui grande perspicacia e mui atilado senso historico—para se ver que essas censuradas qualidades do caracter iberico são bem anteriores á reconquista, á moderna unidade da Hespanha e á colonisação da America.

A leitura de Strabão não permite duvidas a este respeito.

Não é tudo; os seguidores das theorias que rapidamente apontei, por amor de suas idéas, são levados a exaggerar os horrores das luctas da reconquista, as calamidades da colonisação da America, no intuito de justificarem o genio aspero, duro, guerreiro e depredador que, por suas doutrinas, são forçados a dar aos hespanhões.

Ainda mais: fazem brotar de repente do meio de luctas sem fim uma Hespanha de exaggeradas grandezas, cuja formação não pódem explicar e cuja rapida quéda, tambem exaggerada, pouco melhor esclarecem.

Eu me parece, e Deus me perdôe si digo alguma tolice, me parece que a decantada grandeza, a maravilhosa força, o extraordinario adeantamento da Hespanha, no seculo XVI, foi mais apparente que real.

O concurso de tres inesperadas circumstancias é que chegou a produzir essa illusão, esse *qui pro quo* da historia.

Primeiramente, o facto de, tendo ficado o throno de Aragão, por morte de d. Martin, sem representante directo, ser escolhido pelo parlamento

de Caspe Fernando, — *El de Antequera*, que, ligado a Isabel de Castella, juntou esta a Aragão, constituindo a quasi completa unidade da Hespanha, unidade que, com a conquista de Granada, pouco depois realizada, veio a considerar-se definitivamente concluida. Esse facto da quéda do ultimo reducto sarraceno no occidente da Europa echoou por toda a christandade em tom festivo e despertou a attenção geral para a Hespanha, além de tudo, unida, reduzida a um grande todo.

Pelo mesmo tempo, outro facto, inesperado para Castella, que não cogitava de colonisações e conquistas, foi o descobrimento da America, para ella feito por Colombo.

Acontecimento foi esse que levantou a geral cobiça dos povos occidentaes europeus, que se atiraram todos no encalço da America: inglezes, francezes, dinamarquezes, hollandezes, todos se jogaram através do Atlantico, admirados da fortuna e do poder da Hespanha.

Este poder era meramente illusorio, porque meramente occasional e fortuito. Provinha de uma terceira circumstancia: o filho de Joanna — a Louca, e de Philippe — o Bello, d'Austria, o neto de Fernando e Isabel, Carlos V, rei de Hespanha, era o herdeiro da casa d'Austria e do imperio da Allemauha.

Carlos era habil, reinou por mais de quarenta annos e fez valer a sua posição de imperador.

Isto quer dizer que, além de suas terras de Hespanha, da Italia e de suas colonias da America, se achou senhor da Austria, que naquelle tempo dominava a Austria propriamente dita, a Bohemia, a Silesia, a Lusacia, o Franco Condado, o Milanez, o Tyrol, os Paizes Baixos, e investido da auctoridade imperial, o poder do santo imperio romano germanico, a mais alta posição politica europeá desde a idade-média.

Era de fazer perder a cabeça a qualquer, e os hespanhões, invejados de todos, chegaram a julgar-se verdadeiramente grandes e poderosos.

E' verdade que Franco I, de França, deu-lhes muito que fazer; mas caíu vencido numa lucta verdadeiramente desigual. A illusão de poder e grandeza era geral.

Provinha principalmente da Austria, habilissima na politica diplomatica, e do imperio, cujo prestigio era incalculavel.

Com a abdicación e subsequente morte de Carlos V. começou o reverso da medalha.

Seu successor, Philippe II, ficou ainda grandemente aquinhoado, pois que lhe couberam — a Hespanha, os Paizes Baixos e a Italia, além das colonias do Novo-Mundo; mas perdeu a

Austria e a corôa imperial, que passaram a Fernando, irmão de Carlos V.

Desappareceu como por encanto o prestigio. Em balde, o *Demonio do Meio Dia* e seu irmão siamez — o *Duque d'Alba* — se agitaram no seu delirio de grandeza, allumiado pelas fogueiras da Inquisição.

Os Paizes Baixos revoltaram-se, saíram vencedores da lucta. A Italia passou tambem a outros donos.

Costuma-se marcar dos ultimos annos de Philippe II a famosa decadencia da Hespanha.

A coisa vinha de antes. Tinha-se velado durante o imperio de Carlos V; mas revelou-se tal qual era, quando a corôa imperial passou a outra cabeça.

Basta examinar os actos de Fernando e Isabel, de Carlos V na sua qualidade de rei hespanhol, e de Philippe II, para se reconhecer que Philippe III Philippe IV e Carlos II fôram dignos continuadores de suas obras nefandas.

Não é com gente desta que se fazem os grandes povos.

Fernando e Isabel decretaram a expulsão dos judeus e crearam o tribunal da Inquisição.

Carlos V foi um fanatico de máus instinctos.

Segundo a auctoridade de Grocio, Bor e Meteren, auctores competentes, fez perecer, por motivos religiosos, perto de cem mil pessoas na Hollanda.

De 1520 a 1550, publicou, ensinam os historiadores, uma série de leis que tinham por fim *enforçar, queimar ou enterrar vivos os que fôsem suspeitos de heresia*.

Escusado é lembrar os crimes de Philippe II. Bastante é repetir, para finalizar estas palavras a seu respeito, escriptas por um historiador: «Sua maxima favorita, chave de toda a sua politica, era que—*mais vale não reinar do que reinar sobre hereticos*. No poder —empregou todas as suas faculdades para fazer dessa maxima um principio director. Logo que soube que o protestantismo fazia proselitós na Hespanha, não descansou enquanto não os suffocou, e foi tão admiravelmente ajudado pelo sentimento geral de seu povo, que póde, sem correr o minimo risco, supprimir creanças que abalaram todos os outros paizes da Europa.

Os hollandezes adoptaram a re-fôrma; Philippe fez-lhes por isso, uma guerra cruel, que durou trinta annos, e que proseguiu até á sua morte, porque elle havia jurado extirpar a nova creança.

Deu ordem *para queimar vivo quem recuzasse abjurar*. Si o heretico abjurasse, lhe seria concedida alguma indulgencia; mas, porque tinha sido conspurcado, devia sempre morrer. *Em vez de ser queimado vivo, seria enforçado*.

O duque d'Alba se vangloriava de haver feito condemnar á morte mais de dezoito mil pessoas, sem contar o numero immenso dos que morreram nos campos da batalla.»

Nem isto é um grande rei, nem este é um grande povo.

Deixemo-nos de lendas.

Grandeza territorial teve, com as colonias e outras possessões, a Hespanha. Mas verdadeira superioridade, social, politica, intellectual, economica, scientifica, não lhe coube.

Em resumo: os defeitos dos hespanhões são, *mutatis mutandis*, os mesmos dos berberes, e são anteriores á reconquista néo-goda, á unidade moderna do povo, ao descobrimento e colonisação da America; a sua grandeza, menos a territorial, foi apparente e illudiu a toda a gente pelo concurso de tres circumstancias que se deram quasi simultaneamente: unificação do paiz, descoberta da America e supremacia imperial na pessoa dum rei de Castella.

Passado o imperio, a Hespanha voltou a ser o que sempre foi: um conjunto de boas qualidades que se deixam inhibir por pessimas tendencias; e a uma grandeza, que muito se tem exaggerado, succedeu um abatimento, que não o tem sido menos.

Uma das sinas da Hespanha é ser victima de exaggerações: as que ella mesma cria para seu uzo e as com que a mimoseam admiradores seus e adversarios.

No meio de tudo isto, o *parasitismo* de Manoel Bomfim é apenas uma exaggeração a mais.

SYLVIO ROMÉRO.

D'AQUI E D'ALLI

Hygiene dos soldados japonezes. Segundo o cirurgião general Suzuki, são os seguintes os methodos de hygiene empregados na marinha japoneza. Antes de entrar em combate, cada homem da equipagem dum navio de guerra toma um banho e veste roupas completamente limpas, afim de evitar o envenenamento do sangue, muitas vezes occasionado pelos fragmentos de linhas sujas penetrando nas feridas. Para que os tiros sejam certos, é preciso que a vista dos atiradores de canhões esteja muito perfeita; para isso, os medicos examinam, antes de cada combate, os olhos dos marinheiros incumbidos daquelle serviço, e os que denotam qualquer perturbação na vista são immediatamente substituidos. Durante as pelejas, os soldados recebem agua boricada para lavar os olhos quando são atacados por grandes nuvens de pó e de fu-

maça. Quasi todos os marinheiros, principalmente os que atiram os canhões trazem pedaços de algodão nos ouvidos para evitar a ruptura do tympano.

* *

Um livro de Oscar Wilde Editado pelo *Mercure de France* e traduzido por Henry Davray, acaba de apparecer mais um livro de Oscar Wilde — *De Profundis*. É um livro doloroso e máu. Wilde escreveu-o na prisão, depois da grande desgraça que lhe anniquilou a vida. Ha alli gritos de angustia, de furor impotente de titan ferido, a indefectivel realza dum alto espirito, para o qual a sua propria desgraça é uma especie de spectaculo deslumbrador, a estranha e rara ferida duma alma que se torna christã ao contacto da dôr verdadeira. Quem lê Bandelaire e Verlaine, Poë e Dante, apreciará, sem duvida, esse livro extraordinario que, algumas vezes, lembra a *Resurreição*, de Tolstoj, e mostra que as prisões inglezas e as galés da Siberia são perfeitamente eguaes. Esta pungente confissão é seguida do celebre poema — *A ballada do carcere de Reading*, que Wilde escreveu ao recuperar a liberdade e que foi a sua ultima producção.

* *

Codigo telegraphico dos hoteleiros. Em setembro os membros da associação internacional dos hoteleiros reuniram-se em Ostende. Entre as questões discutidas, interessam particularmente ao publico as do codigo telegraphico adoptado pela associação internacional. Compõe-se o codigo de um certo numero de palavras significando cada uma, convencionadamente, que alojamentos deseja o viajante. Assim, por exemplo: Alba quer dizer occupo um quarto; Ciroc, tres quartos com leitos; Kind, uma cama para creança; Bat, um quarto de banho, privado; Pass, para uma noite; Cancel, annullado, etc; mas, exceptuado o governo belga, nenhuma administração consente em pregar esse codigo nas paredes dos escriptorios telegraphicos, e os guías de caminho de ferro e de agencias não o querem absolutamente.

* *

Romance hollandez. Deve apparecer brevemente em Amsterdam um novo romance de Luiz Cupérus — *A montanha de luz*. Cupérus, que é bastante conhecido pelos seus antigos livros *Magestade*, *Paz universal* e *Pequenas almas*, é considerado como o primeiro escriptor contemporaneo da Hollanda. Os seus principaes romances tem sido traduzidos para o inglez, o francez e o allemão. *A montanha de*

luz, sob um aspecto novo e muito pictural, explora o mesmo assumpto da *Agonia*, de Lombard.

* *

A musica norte-americana. A musica americana sabe, a pouco e pouco, da sua primeira phase, a phase da imitação. Os compositores *yankees*, actualmente, fazem musicas com concepções pessoas. Outros procuram no *folklore* fontes de inspiração. Os indios, os negros, os hispanos-americanos, os *cow-boys*, os montanhezes do Tennessee, os lenhadores do Maine, os marinheiros forneceram-lhes materia bastante. Os maestros, porém, encontram sempre inspiração nas canções das ruas. Desde Dvorak, que se dizia não haver terra mais rica do que os Estados-Unidos em melodias originaes.

* *

O problema das raças nos Estados-Unidos Sabe-se que o maravelhoso desenvolvimento da potencia economica e politica dos Estados-Unidos está ameaçado por um perigo interior, que váe augmentando, e que, si não fôr conjurado sem demora, poderia degenerar, um dia, numa guerra civil mais desastrosa e prejudicial que a guerra da Seccessão; mas encara-se, de ordinario, a questão pelo angulo exclusivo do perigo amarello ou do perigo negro. Na realidade, o problema é infinitamente mais complexo. Só não são temidos os indios, que se vão absorvendo mais a mais na massa anglo-saxonia da população. De resto, elles não são das raças humanas fortemente representadas no sólo da União, não se recuzam hoje a assimilar o genio americano e não aspiram a fundar, na grande republica, outros tantos Estados absolutamente refractarios á unidade nacional. Portanto, são outros os perigos. Certamente, os nove milhões de negros que constituem um grande peso no Estado, são o elemento mais estorvador e, depois dos chinezes, o menos assimilavel de todos. É por isso que o odio a respeito do negro, depois de se ter aquartelado nos Estados do sul, acabou por ganhar tambem os do norte. Entretanto, nesses ultimos Estados, os habitantes de côr uão fórman sinão uma minoria quasi imperceptivel. Mas a repugnancia que elles cauzam váe tão longe que se estende aos typos de sangue misturado, que, aos olhos dos europeus, parecem brancos puros. E, no entretanto, o numero de mesclados váe diminuindo de mais a mais, apesar da suppressão da escravidão que impunha a pena de morte aos brancos que se cazassem com pretas. De sorte que os negros se tornam cada vez mais negros, e o abysmo que separa

as duas raças alarga-se espantosamente. Além dos chinezes, os imigrantes europeus, desde um certo numero de annos, recuzam a se deixar absorver, a se tornar *yankees*. Ha um meio seculo, a immigração era, na sua maioria, composta de elementos anglo-germanicos; hoje, são os slavos, os latinos, os judens, que fornecem o maior contingente. Para isso, ha uma explicação: os allemães, em lugar de se misturar na massa, como dantes, constituem-se em comunidades que guardam zelosamente a lingua, o espirito e o culto da patria.

A revista allemã, *Aus Fernu Landen*, estudá demoradamente essa interessante questão e discute o cuidado que tem os europeus de se não misturarem com os norte-americanos.

PAGINAS ESQUECIDAS

BOCAGE

Está quasi esquecido este nome panico. Não tem nada do nosso tempo, e representa um periodo litterario esteril e triste como as charnechas. O romance, o drama e os editores exploraram-no. Deu pouco. Estava no occaso a geração que na mocidade recebera a herança de assombro do repentista Bocage. Houve ali um escriptor illustre que lhe republicou as obras, sem exclusão das obscenas, que não se vendiam a meninas de 15 annos, sem ellas as mandarem comprar pelas creadas. Foi isso abrir uma sepultura para impestar a atmospherá, e pôr um ferrete de ignominia em vez de lhe esculpir na lousa a cruz da misericordia divina. Bocage e os seus collegas declivaram a rampa por onde escorregaram á voragem das inutilidades esquecidas. Os archivistas dos seus epigrammas e sonetos martelados vão tambem desaparecendo. Nem o sentimento, nem a linguagem, nem a historia tem nada que ver com a vertigem contrafeita, com aquelle trovejar theatral dos farcistas do botequim das Parras. E' uma farragem de pomposas bagatellas que não formam élo na cadeia da evolução do espirito.

José Agostinho de Macedo poreja a mesma podridão nessa rima de vadios que desbragaram o talento a termos de não ter bastado meio seculo para resgatar o poeta da abjecção a que o aviltaram o jantar do fidalgo, o mote da freira e os applausos da ralé.

Quanto a Bocage, ao maioral da turba sonora, os sonetos, fórma gentilissima e magistral da sua indole *mais propensa ao furor do que á ternura*, são uma orchestra estrepitosa em que raro se ouvem astoadas gementes da harpa. Sem originalidade no pensamento, dá ares de creador pelo resalto das côres. Encadearam-no, cortando-lhe os vôos do genio, as peias da mythologia; por isso é tão pallida a idealisação dos seus poemas, raras vezes levantados a idéas abstractas. A tempera rija de sua alma, endurecida ajuda pela hilaridade com que lhe festejavam o latigo nemesico, quebron-lhe as cordas mais maviosas do alaúde. Quando quer ser plangitivo, transporta-se contrafeito, em raptos e exaltações por conta de coisas que não dão para isso. Nos poemas que Bocage escreveu no Oriente, debalde se procuram indicios de espirito scismador e abstraído da intuspecção de si proprio em mundo tão novo na sua decrepidez e tão inspirativo em suas cans deshonradas pela desgraça e pelo desamparo da metropole. Os poetas daquelle cyclo viviam tanto de si mesmos, eram tão egoistamente individualistas que por acerto nos revelam as contingencias da sua alma com os panoramas da vida exterior. Se cantavam de arvores, de montanhas, serviam-se de phrases recaldeadas pelas pastoraes classicas. Assim Gonzaga, poetando entre as exuberancias nativas da sua America, assim Fernão d'Alvares do Oriente, o poeta indiano, com vida e patria tão de molde para extraordinarios cantares, assim Bocage sonetando Auardas, Glauras e Gertrurias entre as ruinarias das odysseias de Albuquerque e Castros! Nem a tristeza do céo, nem as quadrellas tostadas dos baluartes derruidos, nem a fóz do Mandoví, nem a gruta de Camões o destoaavam daquelles hendecasyllabos do café Nicola, turgidos, sonoros, bocagianos em snmma, porém compassados e quasi incommodos como o arfar ininterrupto de um pendulo. Bocage trouxe-nos da India apenas a hyperbolica descripção dos costumes goezes. Como o seu horisonte nada ia além dos contractos sociaes — a saudade dos poetas do *Agulheiro dos sabios* onde tinha o seu palco e diadema — suppurou-as no fél da mordacidade contra os canariis:

Lusos heróes, cadaveres sedifios,
Erguei-vos dentre o pó! Sombras honradas,
Surgi! Vinde exercer as mãos mirradas
Nestes vis, nestes cães, nestes mestiços.

Vinde salvar destes pardaes castifios
As searas de arroz por vós ganhadas.
Mas ah! poupai-lhe as filhas delicadas,
Que ellas culpas não tem, tem mil feitifios.

Isto é sublime de mordentissima gallhofa; mas a alma do poeta, quando ahi desce, vem caída do alto como aguia ferida a esvoaçar-se em charcos paludosos.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

* *

VERSOS DE BOCAGE

Men ser evaporei na lida insana
Do tropel das paixões que me arrastava,
Ah! cego en cria, ah! misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana.

De que innumeros sóes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe a natureza escrava
Ao mal que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não conbe,
No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Deus, oh! Deus!... Quando a morte a luz
me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos
Saiba morrer o que viver não sonbe.

* *

Toldam-se os ares,
Murcham-se as flôres;
Morrei, amores,
Que Iguez morren.

Misero esposo,
Desata o pranto,
Que o teu encanto
Já não é teu.

Sua alma pura
Nos céos se encerra;
Triste da terra,
Porque a perden.

Contra a cruenta
Raiva ferina,
Face divina
Não lhe valeu.

Tem rôto o seio,
Thezouro occulto,
Barbaro insulto
Se lhe atreveu.

De dôr e espanto,
No carro d'ouro
O numen louro
Desfalleceu.

Aves sinistras
Aqui piaram,
Lobos uivaram,
O chão tremeu.

Toldam-se os ares,
Murcham-se as flôres,
Morrei, amores,
Que Iguez morreu.

Famosa geração de faladores
 Sôa que foi, Risêo, a origem tua ;
 Que nem todos os cães ladrando á lua,
 Tiveram que fazer com teus maiores :
 Um a lingua ensinou dos palradores.
 Outro o motu continuo achou na sua,
 Outro, além de encovar toda uma rua,
 Açaimou numa junta a cem doutores :
 'Teu avô, sanctuario venerando,
 Soube mais orações que mil beatas
 Com reza impertinente os céos zangando ;
 Ten pae foi um trovão de pataratas ;
 Teu tio, o bacharel, morreu falando ;
 Tu falando, Risêo, não morres, matas.

Nos sêrros do Brazil diz certo auctor que
 [havia
 Uma namoradeira, uma sagaz bugia ;
 Milhões de chichisbéos pela taful guincha-
 [vam
 E, por não terem aza, o rabo lhe arrastavam,
 Qual caíndo-lho aos pés, de amores cego e
 [lonco,
 Nas cabelludas mãos lhe apresentava um
 [côco,
 Qual do assucar brilhante a sumarenta cana,
 E qual um ananaz, e qual uma banana.
 Ella com riso astuto, ella com mil caretas
 Lhe entretinha a paixão, lhe ia dourando as
 [petas ;
 Os olhos requebrava ao som de um suspiri-
 [nho,
 A todos promettia o mais fiel carinho ;
 E se algum lhe rogava especial favor,
 A' terna petição dizia : « Sim, senhor » ;
 Mas com muita esperança o fructo era ne-
 [ulhum,
 E os pobres animaes ficavam em jejum.
 Leitores, ha mulher tão destra e tão velhaca,
 Que nisto lhe não ganha inda a melhor ma-
 [caca.

*

Levando um velho avarento
 Uma pedrada num olho,
 Poz-se-lhe no mesmo instante
 Tamanho como um repolho.
 Certo doutor, não das duzias,
 Mas sim medico perfeito,
 Dez moédas lhe pedia
 Para o livrar do defeito.
 « Dez moédas ! (diz o aváro)
 Meu sangue não desperdiço :
 Dez moédas por um olho !
 O outro dou eu por isso.»

*

Um medico, resentido
 De certo seu offensor,
 Ante um amigo exclamava,
 Todo abrazado em furor :
 « Para punir este indigno,
 Este vil, tomára um raio.»
 Acode o outro : — « Ha um meio
 Muito mais facil : curai-o !

*

Homem de genio impaciente,
 Tendo uma dôr infernal,
 Pedia para matar-se
 Um veneno, ou um punhal.
 « Não ha (lhe diz um visinho
 Velho, que pensava bem)

Não ha punhal, nem veneno ;
 Mas o medico ali vem.»

*

Um escrivão fez um roubo ;
 Diz-lhe o juiz — « Que razão
 Teve para fazer isto ? »
 Responde : — « ser escrivão.»

*

Um procurador de causas
 Tinha na dextra de harpia
 Nojenta, incuravel chaga,
 Que até os ossos lhe roia.
 Exclama um tafúl ao vel-o :
 « Que pena de talião !
 Quem com a mão roeu tanto
 Ficou roido na mão.»

O artigo do sr. Deiró anterior ao que se segue saú publicado no numero 59 dos *Annaes*, de 30 de novembro.

Fragmentos de estudos da Historia da Assembléa Constituinte do Brazil

VI

No dia 3 de maio de 1823, designado para abertura solemne da Assembléa Constituinte, por ser data memoravel da nossa historia, reuniram-se os deputados das provincias no edificio da cadeia velha, preparado para servir de casa do Parlamento. A decoração era simples, mas decente ; o recinto, galerias e tribunas bastante sufficientes.

A verificação de poderes, anteriormente feita durante as sessões preparatorias, não foi laboriosa nem absorveu grande espaço de tempo, porque as eleições fôram regulares e não occasionaram largos debates. A população votante concorreu ás urnas de boa vontade, procedendo de modo que mostrou ter consciencia de desempenhar dever civico, que a ennobrecia, de exercer direito que reputava gloriosa conquista e attestava a posse incontestavel da liberdade politica da nação, que energicamente acabava de despedaçar os grilhões do captivo colonial, proclamando, á face do mundo civilisado, existencia de povo livre e que, pela primeira vez, fôra chamado a demonstrar a sua soberania.

E' facil de imaginar de que modo cada cidadão se achava compenetrado da importancia da nobre missão, cren-do que seu voto teria influencia decisiva nos destinos da patria. A eleição suscitára nas almas as impressões e attractivos das novidades que as deliciau. Aparecia ainda qual prova dum facto que se suppunha impossivel de realizar-se. Era como que o documento vivo, luminoso, irrecusavel de ser a Independencia uma realidade, da qual não havia que receiar qualquer contestação, a des-

peito das ameaças que vinham de Portugal, onde os nossos diplomatas, Barbacena e Gameiro, (depois visconde de Itabayanna) encarregados pelo Imperador, de obter da côrte de Lisboa o reconhecimento do Imperio, luctavam contra as tergiversações dos ministros portuguezes, embóra aquelles encarregados estivessem escudados no facto e no direito e efficazmente auxiliados pelo prestigio do governo inglez, a cuja frente fulgurava o grande orador e estadista George Canning. Este abalisado parlamentar tomou a si, nas conferencias celebradas em Londres, entre Barbacena e Gameiro, por parte do Brazil, e o conde de Villa Real, representante da côrte portugueza, redigir as bases do tratado, que reconhecesse a existencia do Brazil na categoria de Estado livre no convivio dos povos independentes.

Ora, comprehendendo-se que os brasileiros, nessa temporada tudo faziam para provar á Europa que tinham a capacidade e as aptidões de exercer os direitos e deveres que impõem e exigem as instituições do governo moderno, e assim celebraram as suas primeiras eleições com escrupulosa regularidade e conforme as instruções expedidas e assignadas por José Bonifacio, ministro do Imperio. Nas sessões preparatorias, a Assembléa Constituinte apurou as actas e só lhes notou, em dois collegios, ligeiras e frivolas contestações, e de tão somenos valor que approvou as eleições dos collegios d'Olinda e de Cuyabá e reconheceu os eleitos representantes das duas provincias. No dia 3 de maio, a Camara Coustituinte contava numero legal para realizar a abertura solemne, que era esperada com patriotico e louvavel anhelos, concentrando e absorvendo a attenção geral do norte ao sul e uni vivamente do logar onde a Camara Coustituinte ia funcionar. A cidade de S. Sebastião estava em um movimento vivaz e ardoroso e preparava-se para dar aos paes de patria testemunho de sua estima. Tinha razão e direito de querer tomar o primeiro plano nessas manifestações nacionaes, porque foi do Rio de Janeiro que partiram os primeiros signaes, exemplos e esforços para suscitar e convocar os diversos obreiros da Independencia. Nas provincias, não se pensava na lucta ; aqui no Rio, já os Léo, conego Januario da Cunha, capitão-mór Rocha e outros punham, audaciosos e temerarios, mãos á obra. Vem ao piutar da faueca observar que, de todos os movimentos revolucionarios do Brazil, sómente teem sido coroados de feliz exito aquelles iniciados e partidos do Rio de Janeiro; por exemplo, o da Independencia, o de 7 de abril, o parlamentar da maioridade em 1840, finalmente, o de 15 de no-

vembro. Nas provincias, desde Beckman no Maranhão; a inconfidencia de Villa-Rica; da Bahia em 1793; o de 1817 em Pernambuco; o da republica de Piratinim, no Rio Grande do Sul; a Sabinada da Bahia, em 7 de novembro de 1837; as rebeliões de Minas e S. Paulo por occasião da lei de dezembro de 1842; a de Pernambuco em 1848; finalmente, a do tempo da Republica, que assolou as provincias do Rio Grande, Paraná, etc.—todos esses movimentos, ou abortaram desastrosamente, ou fôram comprimidos de modo implacavel. Nenhum triumphou. E' uma observação, que talvez se reputa superficial, mas que tem razão de ser em causas de grande importancia.

Qualquer que seja, porém, a explicação procedente, ou improcedente desse phenomeno social, a verdade é que só do Rio de Janeiro partiu o signal e o exemplo para a revolução da Independencia e propalou-se de norte a sul do paiz. Essa gloria cabe á cidade da Guanabara e não lh'a disputará nenhuma das outras das provincias, nem a Bahia, que, pela mesma causa, pugnava com as plangentes heroicas do valente general Madeira. A Bahia, porém, não iniciou o movimento libertador; ao contrario, recebeu o impulso vindo do Rio de Janeiro.

Ha um antigo e inventerado preconceito entre nós, preconceito que nos enche dum orgulho vão e satisfaz a certos patriotas.

Os brasileiros apregoaram que só elles fizeram a Independencia. Quem ouzasse contrariar os contemporaneos, que assim asseveravam, correria o risco de ser repellido e condemnado, como máu brasileiro. Os contemporaneos da Independencia, com sobeja razão, orgulhosos de seus feitos e esforçado patriotismo, lutando contra os luzitanos, só viam em tudo que era portuguez um inimigo, que devia ser combatido e exterminado.

E' dado, hoje, investigar nos factos a verdade com calma e meditação. Passou o momento dos arroubos do enthusiasmo. O tempo, que intibia os ardores, dissipa o orgulho, modera as paixões, esclarece o espirito, aviva e robustece o criterio, o tempo deixou-nos ver que o preconceito não deve prevalecer. Porque mantel-o hoje? Temerá alguém que nos seja contestada a obra da independencia nacional?

Podemos, pois, apurar a verdade historica, que não nos deslustra.

Aquelles que sabem como a Independencia se fez, rieu-se desses patriotas intolerantes, contaminados de antigos preconceitos de véra superstição.

Sem duvida, fôram os brasileiros os

grandes luctadores pela independencia da patria, cuja causa sustentavam e defendiam; a elles é que esta causa interessava; a elles cumpria fazer-lhe todos os sacrificios. Elles souberam fazel-os nobremente.

Elles, porém, não viviam sós nesta terra, onde habitavam muitos portuguezes, que se consideravam cidadãos da mesma patria então unida e cujos destinos a todos interessavam. Quando os portuguezes, aqui domiciliados, com familia nascida e creada aqui, com interesses, com habitos contraídos, viram as côrtes querer tirar ao Brazil todos os elementos de progresso e reduzil-o ao miseravel estado colonial, destruindo a obra do governo de d. João VI, tomaram resolutos o partido daquelles que nasceram no sólo americano, reconheceram e proclamaram a injustiça da metropole; repelliram os decretos das côrtes, acoimando-os de tyrannos, insensatos e insupportaveis. Perguntavam: como iremos requerer justiça aos tribunaes de Lisboa? Não vêem as côrtes os daunos que nos cauzam a todos nós habitantes do Brazil? Porque supprimir os tribunaes é decretar medidas odiosas, brutaes e barbaras.

Feridos em seus interesses, affectos e sentimentos, fôram dos primeiros que protestaram e se rebellaram contra actos violentos e detestaveis, que não offendiam sómente aos naturaes do paiz, mas que prejudicavam profundamente a todos que eram forçados a permanecer nesta terra de S. Cruz. Não se limitaram a inertes protestos; lançaram-se nos azares perigosos da lucta; fizeram causa commum com os brasileiros; todos por um e um por todos. A patria era a mãe duns e doutros; cabia-lhes propugnar pela mesma causa. Eis ahi porque se viu José Clemente, magistrado e presidente do Senado da Camara, á frente do povo, (mescla de portuguezes e brasileiros natos) ir solicitar do principe regente que não obedecesse aos decretos das côrtes e não se ausentasse do Brazil. Eis ahi José Clemente um dos primeiros promotores da Independencia, quando outros se conservavam calados. José Clemente, porém, era portuguez, e o orgulho brasileiro teria pêjo de apontal-o como *um patriarcha* da Independencia. Que significava este acto de José Clemente? Seria um esforço de sua vontade, de *seu brasileiro*, de seu apêgo e amor á terra onde vivia e era feliz? Illudem-se os que assim pensam. José Clemente, nesta conjunctura, era o representante dos brasileiros natos e principalmente de numerosos portuguezes, revoltados contra as prepotencias das côrtes e que compartiam dos mesmos sentimentos dos filhos do paiz. E' provavel que, si os portuguezes, aqui re-

sidentes e estabelecidos com serios e vitaes interesses, não tomassem parte no movimento, de certo José Clemente, como presidente do Senado da Camara e como magistrado, não seria tão *beocio* de arriscar a sua posição official. José Clemente foi induzido a este acto de rebellia, (que lhe teria custado bem caro si o movimento tivesse sido mal succedido) forçado pelos portuguezes, que fizeram causa commum com os patriotas brasileiros; nem os brasileiros procurariam o concurso de José Clemente, já por desconfiança de sua qualidade de portuguez, já pela da auctoridade, que exercia, dependente da metropole e, por consequente, dedicada e submissa aos interesses della. Parece fóra de duvida que a Independencia não foi só obra exclusiva dos brasileiros, como nol-o dizem a ignorancia da verdadeira situação e condição da sociedade brasileira, ou o orgulho nacional estolido e irreflectido.

Seria longo enumerar factos como o de José Clemente. Na Bahia, as juntas patrioticas que trabalhavam pela causa da Independencia, reuniam em Maragogipe, com Rebouças, varios portuguezes; em Nazareth, com Maia Bittencourt portuguezes; na cidade da Cachoeira, Montezuma (depois senador visconde de Jequetinhonha) o brigadeiro Rodrigo Brandão e Salvador Moniz Barreto (barão de Paraguassú) e outros ricos proprietarios trabalhavam com muitos portuguezes, negociantes ou capitalistas em pról da causa brasileira. No opulento municipio de S. Amaro, Miguel Camon (marquez d'Abrantes) tinha ao seu lado numerosos portuguezes, que concorriam com todos os meios em favor da Independencia. Na villa de S. Francisco do Conde, com os Bulhões, Argolos, Pinheiro de Vasconcellos, (visconde de Monserrat) Dórias do Loreto, Barreto da Saubára, Sudré e outros, tambem os portuguezes tomaram activa parte pelo bom exito da causa brasileira, uns organizando companhias de voluntarios; outros, como os Teixeira Barbosa (do engenho Passagem) emprestando cerca de 400 contos de réis, que mantiveram as primeiras tropas do general Labatut.

Poderíamos proseguir, apontando; com o dedo, nos campos de batalha de Pirajá, Lapinha, Itacaranha, Funil e outros logares, os Leite Pacheco, F. Pereira, Cid, Luiz da França, Andréas, Coelho (barão da Victoria) e outros coroneis portuguezes, servindo com bravura e dedicação, com sacrificio de vida, á causa dos brasileiros. Na marinha de guerra, a lista seria avultada; (sem falar em lord Cochrane) bastava mencionar dois destemidos marinheiros, que fôram nossos gloriosos herões em Riachuelo e Humaytá: — Joaquim José Ignacio e Barroso.

Nas altas regiões da politica, perdura a memoria dos Vergueiro, Maia, Abaeté, José Clemente, conde de Lages, conde de Souzel, general Valente e outros. Contrasta a dedicação desses portuguezes com os sentimentos dum Villela Barbosa e dum Pinto Garcez, que, sendo brasileiros natos, fôram adversos á causa que os outros serviam e defendiam esforçadamente.

A cafila de imbecis que sóem falar do que não entendem, ha de dizer, com a impudencia de alvar chacota, que me converto em corteção dos portuguezes.

Não, senhores parvos; não me dominam a mim os vossos ridiculos preconceitos; não quero ser corteção dos nossos conterraneos, quanto mais dos estranhos...

Estudo, sim, a historia, que só tem auctoridade e sómente é honrosa, é *magistra, lux vitae* (1), investigando e apresentando a verdade.

Os preconceitos dos antigos patriotas, auctores da Independencia, talvez podiam ter a conveniencia de estimular o patriotismo, de avigoral-o, ou de saciar a vaidade dos benemeritos que trabalharam pela angusta causa da redempção da patria. Mas passou esse tempo; toda a geração da Independencia está extincta e só nos resta a lembrança de seus feitos, que nos merecem subida estima e até o nosso applauso e veneração. Seria, porém, uma pequice fazer da historia serva das gerações orgulhosas de feitos, que não são exclusivamente seus. A historia eleva-se acima dos heróes, dos genios, das nações e das assembléas, dos reis, e os obriga a todos a assentarem-se na tripeça dos réos; só de seus labios irrompem os hymnos de glorificação, as sentenças absolutórias ou de suprema e definitiva condemnação. Tácito não deixou aos Cezares de Roma nem sequer a possibilidade de appellar para o juizo das gerações corruptas, immoraes, indignas, que a posteridade pudesse ter. Não pensemos que só no presente, em que vivemos, ha torpezas e que as nossas gerações são inferiores ás posteras. Os mesmos erros, males, torpezas, vicios e crimes, que nos aviltam, necessariamente tocarão em partillia aos vindouros. A raça humana é a mesma em todos os tempos e em toda parte.

Os Cezares romanos estão definitivamente julgados e condemnados—sem appellação nem agravo—depois que a historia os expoz no pretorio dos seculos, onde cada geração que passa escuta o — *ecce homo*. Assim irremesivelmente condemnados, não onzariam correr á compaixão nem á justiça da consciencia do genero humano.

Está me parecendo que alguns leitores notarão que, propoudo-me a narrar os trabalhos da Assembléa Con-

stituente, trato de outros que lhe são connexos. Mas si estes leitores quizerem ler a — *Histoire du Gouvernement Parlementaire*—de Duvergier de Hauranne, veriam como este insigne historiador, propondo-se a narrar a historia parlamentar, occupa-se, em cada volume, por exemplo, das conspirações, da intervenção do exercito francez, commandando pelo duque de Angoulême, em Hespanha, dos realistas hespanóes, do Congresso de Veronat. O historiador francez, notavel publicista, assim procedeu porque todos estes assumptos se prendem á historia parlamentar; da mesma sorte, os factos de que temos falado ligam-se á Assembléa Constituinte. Não ha mistér de profunda theoria, basta a vulgar experiencia, para saber que, nos povos livres, todas as questões ou agitam-se em torno do Parlamento, ou este profere a ultima palavra sobre ellas.

A população do Rio de Janeiro, que não era tão minguada, como quando aqui aportou d. João VI em 1808, enchia as ruas e as visinhanças da casa do Parlamento. Cada um saudava com viva satisfação os deputados conhecidos que iam penetrar no recinto da Camara com sincera intenção de desempenhar o augusto mandato de legislador e de servir á causa publica, e promover o bem da patria desinteressada e dedicadamente.

Havia por toda parte um vivo contentamento; a população julgava assistir a uma esplendida festa do patriotismo.

No homem das classes populares até no das mais elevadas da sociedade, dominava um só sentimento: todos confiavam nos representantes da nação e esperavam que elles realisassem as esperanças, fundando o governo dum povo livre e fazendo uma Constituição, que a todos concedesse e garantisse os direitos da liberdade civil e politica.

O espectáculo, devéras, era novo para um povo recentemente sahido do regimen colonial, educado na escola corruptora do absolutismo, que impõe o servilismo e recuzza admittir que as creaturas humanas tem identicos direitos e deveres e que a patria é um patrimonio commum, que professa o princípio do celebre dictador da velha Roma — *paucis genis humanum est*. (2)

No meio do entusiasmo geral e indizível alegria, installou-se Assembléa Constituinte ás 9 horas da manhã, aguardando a vinda de s. magestade.

Occupou a presidencia o bispo capellão-mór Continho. Logo que o Imperador chegou, foi introduzido no salão acompanhado pela commissão com todas as honras devidas á sua alta dignidade.

D. Pedro, ainda muito moço, esbelto e de movimentos rapidos, transpuz o estrado e assentou-se no throno e recitou um longo discurso, pelo qual daremos apenas alguns trechos.

«Dignos representantes da nação brasileira. — E' hoje o dia maior que o Brazil tem tido, dia em que elle pela primeira vez começa a mostrar ao mundo que é imperio, e imperio livre. Quão grande é meu prazer, vendo juntos representantes de quasi todas as provincias, fazerem conhecer umas ás outras seus interesses e sobre elles bazearem uma justa e liberal Constituição que as reja! Deveriamos ja ter gozado duma representação nacional; mas a nação não conhecendo ha mais tempo seus verdadeiros interesses, ou conhecendo-os e não podendo pateutar, visto a força e predomiunio do partido portuguez, que sabendo muito bem a que ponto de fraqueza, pequenez e pobreza, Portugal já estava reduzido e ao maior gráu a que podia chegar de decadencia, nunca quiz consentir (sem embargo de proclamar liberdade, temendo a separação) que os povos do Brazil gozassem duma representação egual áquella que elles não tinham. Enganaram-se nos seus planos conquistadores e desse engano nos provém toda nossa fortuna.

.....

Falou do tempo em que o Brazil vegetou como colonia, dos seus soffrimentos, atrazos e males; da vinda de d. João VI, do bem que fez ao Brazil; do decreto de 16 de dezembro de 1815, que o elevou á categoria de reino: então exclamou — Portugal bramiu de raiva, tremeu de medo e o Brazil exultou de prazer. Ponderou que a medida, que elevou a reino, deveria ter sido acompanhada da convocação duma assembléa que organisasse o reino.

Disse que logo que em Portugal se proclamou liberdade, o Brazil gritou Constituição.

Affirmou que as vistas dos portuguezes lá no reino eram converter os homens livres em vis escravos: que os obstaculos antes de 26 de abril de 1821 se oppunham á liberdade brasileira e que depois continuaram a existir sustentados pela tropa européa, fizeram com que estes povos, temendo que não pudessem gozar duma Assembléa sua, fôsem pelo amor da liberdade, arrastados a seguir — *as infames côrtes de Portugal* — para ver, si fazendo taes sacrificios, poderiam deixar de ser insultados pelo seu partido demagogico, que predominava neste hemispherio. Fomos maltratados pela tropa européa; fil-a embarcar e ir embóra; veio de Lisbôa outra expedição.

Eu tomei sobre mim, disse o Imperador, (ou repetin o que escreven a

seu ministro José Bonifacio?) proteger este Imperio e não recebia expedição. Pernambuco fez o mesmo e a Bahia, que foi a primeira a adherir a Portugal, em premio de sua boa fé e de ter conhecido tarde qual era o trilhio, que deveria seguir, soffre hoje crua guerra dos vandalas, e sua cidade por elles occupada, está a ponto de ser arrasada. Eis, em summa, a liberdade que Portugal appetecia ao Brazil..

As juntas, declaram o Imperador, imploraram a minha ficada. Parece que o Brazil seria desgraçado si eu não attendesse, como attendi: bem sei que este era o meu dever. .

Mal tinha acabado de proferir estas palavras como é para bem de todos e felicidade geral da nação diga ao povo que fico, tomei todas as providencias a respeito dos nossos inimigos, uns entre nós existentes, outros nas côrtes portuguezas.

Depois, o Imperador fala das circumstancias financeiras: entra em minucias de meios e de recursos financeiros: allude ás administrações, secretarias e outras repartições, assegurando que todas precisam de reformas.

Discorreu acerca do estado deploravel do exercito. Referiu-se á marinha, annunciando que esperava 6 fragatas encomendadas, etc. Notou o que havia concernente ás obras publicas. Fez diversas ponderações no tocante aos estudos publicos, a respeito da casa da Misericordia. Observou que depois de muitas providencias, que deu, entendeu que devia convocar por decreto de 16 de fevereiro um conselho de Estado e convocou tambem a Assembléa Constituinte por decreto de 3 de junho.

Disse que se vin obrigado a tomar algumas medidas legislativas — porque residiam então de facto e de direito os tres poderes no chefe supremo da nação — muito mais sendo elle seu Defensor Perpetuo (esta idéa perverten o espirito de d. Pedro). Mencionou como se deu o grito do Ypyranga e que sentia não poder ir á Bahia, que pelejava com o exercito do general Madeira. Prometten a todo custo, ainda arriscando a vida, desempenhar o titulo que os povos deste vasto e rico continente em 13 de maio de 1822 lhe conferiram de Defensor Perpetuo. Como Imperador constitucional e mui principalmente como Defensor Perpetuo deste Imperio disse ao povo, no dia 1 de setembro de 1822, em que foi coroado e sagrado, que, com a sua espada, defenderia a patria, a nação e a Constituição si fôsse digna do Brazil e de mim. Ratifico solemnemente tudo isso.

O Imperador, com as seguintes pa-

lavras, que terão significação no futuro — não longinquo — arrematou o discurso: — uma Assembléa tão illustrada e patriotica olhará só a fazer prosperar o Imperio e cobril-o de felicidades; quererá que o seu Imperador seja respeitado, não só pela sua, mas pelas mais nações: e que seu Defensor Perpetuo cumpra exactamente a promessa feita no 1 de setembro do anno passado e ratificada hoje solemnissimamente perante a nação legalmente representada.

Foi esta a primeira *Fala do throno*, pronunciada no Parlamento e lida com respeitosa curiosidade pelo paiz, na iniciação do regimen representativo. E' um discurso que tem os moldes de relatorio dum secretario de Estado, expondo a marcha dos negocios de sua administração.

Lobriga-se, ou sente-se, na contextura de todas estas phrases, o espirito de José Bonifacio, adejando de periodo em periodo.

D. Pedro recitou a oração que o ministro escrevera; accaso, as palavras correspondiam aos sentimentos e pensamentos, ou estes ficarão reservados para o porvir? .

Na alluvião das phrases oucas que José Bonifacio pôz na imperial bocca, transparecem, a todo instante, as arrogancias do regimen da realza absoluta.

Noutro capitulo analyzaremos o discurso, que acabamos de resumir, dando apenas a substancia que elle contém.

Agóra estamos em plena Assembléa, devemos acompanhá-la, narrando e analyzando as suas idéas e actos, palavras e pensamentos, que são a materia propriamente da sua historia, que poderá ser util a uns e fastidiosa para outros.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Cicero.

(2) A Pharsalia de Lucano — discurso do Cezar ao exercito amotinado.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A ethnographia e fauna dos Andes. — A expedição de Nordenskjöld. — Civilisação anterior ao Novo-Mundo.

A expedição de Erland Nordenskjöld aos Andes tinha, primitivamente, o objectivo penetrar as florestas ao norte da Bolivia e estudar as tribus indigenas que occupam nessa parte da America do Sul, zonas inexploradas.

Aquelle audacioso investigador de uma familia de ousados exploradores suecos deixára a Europa em janeiro de 1904 com destino ao porto de Molendono Perú, donde seguiria para

Puno no lago Titicaca. Depois de galgado o planalto do mesmo nome a 4.000 metros de altura, Erland, com seus companheiros de trabalho, deveria chegar á capital La Paz. Suppunham elles encontrar uma região rica de vestigios da epocha dos Incas e, subindo os Andes entraram em contacto com os Guarayos e os Araunos, estes muito pouco conhecidos.

Esse itinerario foi modificado, mas os exploradores puderam visitar, apenas, algumas tribus que desconheciam completamente o homem branco, indigenas pacificos que não atacam os estrangeiros sinão como represalia para repellirem os bandidos, ladrões de mulheres e de creanças.

Estes indigenas dão curioso testemunho de uma civilisação anterior á descoberta do Novo Mundo, mas não ignoram completamente a civilisação moderna; possuem instrumentos de fabricação actual, obtidos de alguns indios que voltaram á tribu depois de emigrados.

Os indigenas primitivos se abrigaram nas florestas, onde se colheram machados de pedra e outras armas muito differentes das que uzavam no valle.

Junto do lago Titicaca, Nordenskjöld desenterrou grande numero de ossadas fosseis pertencentes a uma raça de cavallos de juntas curtas, agóra desaparecida, e a tardigrados gigantescos. Esses fosseis permittiriam reconstruir em parte a fauna dos Andes, existente no fim do periodo terciario, sendo a primeira desse genero feita até agóra nessa região sul-americana.

* *

Fluctuamento de navios submergidos. Salvação dos navios da esquadra russa, mettidos á pique na batalha Tsuchima.

Um industrial russo, Zacovenko, indica o meio de reaver, em plena fluctuação, os navios da esquadra russa submergidos na memoravel batalha de Tsuchima. Elle parte do principio de que é preciso levantá-los, suspendel-os entre duas aguas, não com o auxilio de correntes, mas passando-lhes por baixo correias metallicas que lhes abarquem completamente o casco.

Para isso se deverá recorrer ao que, na marinha, se chama «camellos», pontões empregados, geralmente, para os trabalhos de emersão; são uma especie de caixões que immergem no mar conforme a carga d'agua que contém como lastro; transportam escavadores destinados a operar a 30 e mesmo a 40 metros de profundidade de maneira a cavar, sob o navio submergido, um canal ou uma galeria.

O escavador está munido de um apparelho que permite passar, projectando-o, sob o caso submergido

ou encalhado no fundo, um fluctuador conduzindo uma corda e vindo á flôr d'agua do outro lado. A essa corda está ligada uma amarra levada pelo movimento e rebocando um cabo, acompanhado por uma correia metálica muito solida e muito larga, tudo isso passando por baixo do navio graças ao primeiro impulso. As extremidades dessa correia se ligam pelos dois lados aos «camellos».

Essa operação, varias vezes renovada, desencava os navios e os levanta pouco a pouco, mantidos em equilibrio pelas correias. Si se extrair, por meio de uma bomba, a agua dos caixões até exgotal-os, os «camellos» sobem lentamente á superficie e assim o navio emerge até que possa ser rebocado para a agua raza.

O plano é engenhoso, mas a execução parece muito difficil, attendendo ao pezo de 10 a 12 mil toneladas dos formidaveis vazos mettidos a pique pela victoriosa esquadra do almirante Togo.

O ALMIRANTE (62)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXI

—Eu acho—replicou Marianinha—que os paes devem ser os primeiros confidentes dos filhos, principalmente das filhas. Parece muito ridiculo esse habito de perceberem, claramente, as primeiras manifestações de um amor na familia e fazerem vista grossa, fingirem uma ignorancia mal disfarçada. Por mim, procederei de modo inteiramente diverso: quando presentir que uma das minhas filhas está inclinada para alguem, si fôr do meu agrado, favorecerei, por todos os meios decentes, essa aspiração muito natural, muito legitima; si não fôr, tratarei, geitosamente, de cortar o mal pela raiz, com o auxilio do meu prestigio de mãe e de amiga.

—Tu bem sabes —olveu d. Eugenia — que Amelia é uma creatura especial: não admittiria a menor intervenção naquillo que toca ás suas deliberações imperiosas. Em tudo, é a mesma coisa. Si ella gostasse de um homem, seria capaz de morrer minada pela paixão, sem dar o menor signal desse martyrio do coração. Muito cheia de preconceitos da dignidade do sexo, ella entende que o homem amado deve entendel-a, deve procural-a, pedir-lhe de joelhos uma palavra de amor e penar muito para obtel-a. Quem ama sinceramente, disse-lhe ella uma vez, se revela sem o auxilio banal da linguagem. Além disso, ella tem a superstição de que o seu temperamento, as suas idéas se não adaptariam á submissão natural do casa-

mento. Ahí tem você, em poucas palavras, a razão por que Amelia é uma bella mulher trancada numa esquivancia, num orgulho que muita vez me afflige, me impacienta.

—O seu principal defeito é ser educada de mais para o nosso meio. Não lhe parece, Oscar?

A' interrogação de Marianinha, Oscar como que despertou de um profundo scismar e respondeu friamente:

—Eu nunca tentei interpretar uma mulher, nem empreguei o minimo esforço para lhe penetrar o coração ou lhe devassar o estado d'alma; aos meus olhos as mulheres são aquillo que parecem ser, innocentes ou astuciosas; eu sómente lhes vejo o exterior — a belleza da fórma, os actos e palavras denotando a perfeição do espirito.

—E' o que dizia — affirmou d. Eugenia — A mulher interessa muito pouco, quasi nada a este senhor, demasiado entregue aos estudos, educado na vida do mar, que deve ser uma escola de celibatarios.

—Eu penso o contrario — objectou Marianinha — Os marinheiros são muito inclinados ao casamento, porque vivem mais separados das mulheres e por isso mesmo mais as apetezem.

D. Eugenia renovou as insinuações aos falados projectos de casamento de Amelia, ao enlace com o almirante, facto que conforme a opinião geral, se realizaria mais cedo ou mais tarde. Marianinha contemplava Oscar com olhares de ironia, como si saboreasse o vexame que d. Eugenia lhe infligia, como si experimentasse essa cruel satisfação da mulher ante o acanhamento, o enleio de um homem.

— Parece — disse esta, depois de algumas palavras proferidas em voz baixa — que estamos deante de dois teimosos; nenhum delles cede e ficarão assim, amarrados pelas teias de aranha do seu orgulho, roídos pelo proprio despeito, infelizes ambos, quando a felicidade lhes está ao alcance da mão.

No desvão de uma janella distante, na sala immediata, Oscar surpreendeu os supplicantes olhos de Dolores. Ergueu-se fascinado e obedeceu. Dados alguns passos, foi ao seu encontro o doutor Adeodato, que o acompanhou muito amavel e sorridente até junto da esposa, que não podia disfarçar um accesso de máo humor, ante aquella vigilancia, provocada pela instinctiva percepção do perigo, que lhe revelára algo de novo, de inédito, no rosto della, numa alteração de traços, uma languidez de olhos, um arfar do seio e uns suspiros entrecortados, um tom de tristeza, enfim, que não condiziam com os seus modos de espontanea desenvoltura. Além disso,

essa creatura, sempre agitada, se aquietára num reponso fatigado, se encolhera como uma sensitiva numa attitude de timidez magnada.

—Que tens Dolores?—inquiriu elle, com meignice — Parece que estás incommodada.

—Eu? Ora essa—acudiu ella, vivamente, como si o marido surpreendesse o seu segredo—Eu nada tenho, graças a Deus. São os teus olhos que sempre me vêem com má vontade...

—Está ouvindo, almirante? A minha querida esposa não admittie nem a minima natural solicitude. E', entretanto, visivel que ella não está bôa. Veja: está resistindo caprichosamente á fadiga; está fazendo das fraquezas forças...

Antes de Oscar emittir a sua opinião, ella replicou:

—E' sempre assim. Si eston a *négligé*, com um vestido vulgar de passeio, acha que não eston decente, não eston trajada de accordo com a posição da seultora de um magistrado; si me visto melhor, fico mal, parecida com uma *cocotte*; si me decóto, como hoje, é um Deus nos acuda de censuras. O decóto é um escandalo, é uma imprudencia que me faz feia. E começa a fiscalisação, a policia desses oculos, que me não deixam um momento, segniudo-me por toda parte, de uma sala a outra como tem succedido esta noite.

—Mas Dolores...

—E' verdade, é a verdade pura. Depois, não quer que entristeça, que me cause dessa suspeita insistente, indecorosa. Si eu fôra outra mulher, te castigaria severamente; mas é forçoso submeter-me ao ridiculo desse ciúme.

—Bem, bem—disse humildemente o marido — Não te importuarei mais... Entretanto, aqui o almirante e todas as pessoas sensatas me dariam razão.

—Oscar é um homem educado, é um homem de fino trato; não approvará jámais esse zelo fóra da moda, muito ridiculo, repito.

—Dolores — disse Oscar — é uma encantadora creatura, tão meiga, tão bôa, que a mais leve suspeita macularia como uma injustiça. O doutor não tem razão.

—Seria muito bonito—acrescentou Dolores—que em uma recepção destas eu estivesse mettida num vestido afogado, como um sacco amarrado ao meu pescoço...

—Eu sómente censuro o exaggero — ponderou Adeodato, timidamente.

—Exaggero? O men decóto é egual ao das outras; sómente dá mais nos oculos do meu marido porque sou mais cheia de corpo. Veja, Oscar, si ha exaggero...

E Dolores, com os dedos nas axillas,

comprimindo os seios, demonstrava a sua asserção, ao passo que Adeodato, afflicto, se arrependia de ter provocado aquella tentadora demonstração, que produzia em Oscar um deslunbramento.

— Bem bem — repetiu o doutor — Não falemos mais nisso. Estás muito decente, muito bonita, mesmo muito bonita.

— E' isto — continuou Dolores — Falta sómente tapar-me o seio com o leque quando algum cavalheiro se aproxima de mim. E eu que esteja muito satisfeita, toda risonha...

Anunciaram o chá, e Dolores terminou o incidente dando o braço a Oscar para conduzi-la á meza.

Adeodato não abandonou Dolores durante o resto da noite, seguindo-a vigilante, com a mesma insistencia sobresaltada, uma afflicção de estudar todos os seus olhares, as suas maneiras, os seus movimentos. Elle notára serenado o ânimo da mulher quando tomou lugar á meza junto de Oscar, muito distante delle, que, todavia, não hesitava em se debruçar sobre os convivas visinhos para vel-a, para inspecionar o colloquio dos dois, muito animado, muito sublinhado de sorrisos.

A' hora da partida, Oscar foi levado á carruagem e despediram com um longo aperto de mão, interrompido por um abraço de Adeodato no almirante.

— Bôa noite, meu caro almirante — disse elle, desafogado. — Renovo-lhe os meus sinceros cumprimentos. Bôa noite.

Quando partiram todos os amigos, Oscar despediu-se da marquezia e de Hortencia, tão preocupado que olvidou beijar a fronte, que a moça lhe estendera, como de costume, e sumiu-se na escuridão da chacara em busca dos seus aposentos no bello *chatô* immerso na folhagem.

As luzes do palacio se apagaram nas janellas como palpebras que se fecham somnolentas; ouviam-se apenas o ruido dos tamancos do Sebastião e o gemido do portão nos velhos gonzos oxidados, o soturno ganido dos grandes cães em liberdade. As brisas marinhas, tão frequentes naquella sitio aberto ás virações da Gavea, repouzavam no arvoredado immovel. No céu, grossas nuvens ameaçadoras toldavam, como na vespera, o brilho das estrellas. Havia no ambiente calmo e morno uma saturação do forte halito das magnolias e das gardenias misturadas ao suavissimo perfume dos jasmims e das rosas, excitadas pelo orvalho a peneirar subtilmente do céu. Dentro em pouco, o Sebastião se agachou mastigando a derradeira praga, os cães se aquietaram, e na solidão da

chacara adormecida velava perenne, na sua eterna lamuria, a borbulhar docemente, a fonte esquecida no Paraiso, avivando uma saudade dolorosa.

Oscar se quedou, deante da secretaria cheia de livros, de brochuras, de grossos cadernos de papel official, derreado na cadeira americana de rodizio e balanço, onde trabalhava isolado e feliz como um ninho de conforto para o seu pensamento preocupado pelas altas questões profissionaes. Nessa noite, seu olhar percorria, em vago exame, os objectos que o rodeavam, as estantes repletas, os moveis raros, os marmores, os bronzes, todos os especimens de uma arte de escol por elle reunidos em torno de si e que lhe pareciam, então, testemunhas impassiveis da sua solidão; haviam perdido o toque de intelligencia, não os animava mais o lampejo do genio creador perpetuando idéas, sentimentos, factos, movimento na fria immobilidade da materia; mas a tudo aquillo faltavam o coração e a alma que o comprehendessem, que se irmanassem ao seu coração e á sua alma, despertando-lhe impulsos novos, infundindo-lhe dupla vida, a alegria de viver. Entre aquella multidão de coisas preciosas, debuchadas em traço indeciso pelo clarão tenue de uma lampada velada de verde, elle se figurava isolado, abandonado num vacuo de carinho. E vinha-lhe á memoria o passado como uma torrente placida a deslizar suavemente, sem accidentes, a tristeza da sua orphandade, amenizada pela ternura maternal da marquezia e prolongada sobre toda a sua existencia, communicando-lhe essa frieza, esse fatalismo que a victoria brilhante de suas aspirações de moço não tinham conseguido abalar. Elle se nutria, até então, da satisfação do dever cumprido, desse gozo da consciencia que lhe não saciára jámais o coração e produzira um permanente desequilibrio entre intenso desenvolvimento mental e a vida affectiva concentrada na ternura da sua mãe adoptiva, para quem elle concretizava a saudade dos filhos mortos.

Feliz, invejado, aclamado, triumphante em todos os estadios da sua carreira, faltava-lhe, todavia, aquelle impulso poderoso que a bocca de Dolores lhe havia communicado, aquelle beijo, cujos resabios lhe queimavam ainda os labios sequiosos e lhe despertára, violentamente, instinctos adormecidos, anestesiados pelas caricias ephemerias de amores de aventura, accidentes physiologicos que não deixaram vestigios. E dessa longa lethargia fôra arrancado pelo choque de um crime que o aterrava, que adquiria as proporções de uma atroz iniquidade, de uma cobardia, que o torturavam. Em vão, elle procurava excuzar-

se na tolerancia dos costumes, demasiado condescendentes para com esses peccadilhos que não deslustram os homens; em vão, recorria ás justificativas do impulso irresistivel, dominador: a sua consciencia, expoliada da preponderancia absoluta sobre a vontade vigorosa, lhe exprobase o momento de desfallecimento, em que derruira todo o seu passado e attribuia a Dolores o funesto prestigio da tentação, empolgando-o, aniquilando-lhe todos os elementos de defeza, reduzindo-o á condição de um miseravel vencido sem combate. Seria ainda tempo de evitar a consummação da catastrophe, readquirir a posse de si mesmo e olvidar aquelle momento de delirio. Passada a embriaguez, volveria a calma e o senso moral perturbado readquiriria o seu poder para a deliberação honesta e digna.

Nas attribuições dessa lucta, Oscar procurou o leito, mas o somno lhe fugia e, no seu cerebro fatigado, predominava, destacada num intenso fulgor, a formosa figura de Dolores, amorticada num extase de volupia, fitando nos delle os melancolicos, os desmaiados olhos supplicantes de uma caricia que os purpurinos labios anciosos não onzavam. Era a obsessão de um sonho de accordado, perpetuando o delicioso instante em que o coração se lhe despertára abrazado de desejos incoerciveis que ainda o mordiam como fêras famintas.

Ao dealbar do dia, quando Sebastião começou a limpeza da chacara, arrastando com a immensa vassoura de gravetos as folhas caídas nas alamedas, encontrou Oscar repozando sobre uma cadeira de vime á entrada do *chatô* sob os festões de epoméas rubras e madresilvas conservadas pelo carinho de Hortencia.

Notando-lhe os traços do semblante fatigado, Sebastião inquiriu com uma saudação reverente:

— Vossa excellencia está doente?

— Não. Vim aspirar o ar fresco da manhã, Sebastião.

— Não ha nada como está fresco para avivar a gente da preguiça do somno. Eu que o diga.

— Você então, não dorme bem?

— Eu? Um somno de passarinho. Ai, meu senhor, quando a gente tem o juizo occupado.

(Continúa).

Aos nossos assignantes, cujas assignaturas terminem no fim do mez, pedimos o favor de mandarem reformal-as, afim de se não dar interrupção na remessa dos «Annaes».

XADREZ

O XADREZ EM S. PAULO

Torneios do Club de Xadrez

Começou o torneio da 1ª classe que deve decidir o campeonato. O torneio da 4ª classe terminou com o seguinte resultado: Veiga—13 pontos (medalha de ouro); Dieterle—11 1/2 (medalha de prata); Jerosch—11 (medalha de prata); Bade—8; Bindel—3; O. Motta—2; Schimidt—1 1/2; Peahe—1.

— Começou o torneio da 1ª classe, que deve decidir do campeonato. No numero passado, demos os nomes dos jogadores que tomam parte nelle; ha uma alteração a fazer: em lugar do prof. Paulo Tagliaferro, entra o prof. Dimitri.

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

A assembléa annual da British Chess Federation, que este anno se reuniu em Londres, no mez de outubro reunir-se-á para o anno em Shrewsbury, de 13 a 25 de agosto, sob a presidencia de Thursby.

— Em outubro realizou-se em Florença, o torneio nacional italiano com o seguinte resultado: 1º premio (400 liras) — Reggio, 7 1/2 pontos; 2º premio (400 liras) — Vignoli, 7 pontos; 3º premio (250 liras) — Roselli del Turco, 6 1/2 pontos; 4º premio (150 liras) — Passera, 6 pontos.

— Em Praga, obteve o campeonato na Associação do Xadrez Tcheco, o jogador Duras.

— O *Lasker's Chess Magazine*, abriu um concurso de soluções para os problemas em 3 e 4 lances que publicar nos seus 12 numeros de novembro de 1905 a outubro de 1906. O vencedor terá o premio de 100 dollars e será proclamado o campeão solucionista do mundo.

MORAL DO XADREZ
De Benjamin Franklin

(Continuação)

Uma partida de xadrez offerece tantos accidentes, tal variedade de occurrencias, tantas vicissitudes e, depois de havermos reflectido por muito tempo, acontece descobrirmos, tantas vezes, o meio de fugir de um perigo, inevitavel á primeira vista, que nós animamos a luctar até ao fim, alentando a esperança de vencer, á força de habilidade; ou, ao menos, de aproveitar a negligencia de nosso adversario, para empatar a partida.

Quem meditar sobre os exemplos fornecidos pelo xadrez, na vaidade que produz quasi sempre o bom exito, e seus consequentes descuidos, e que pôdem mudar a phase da partida, aprenderá, sem duvida, a não desanimar ante a momentanea vantagem obtida pelo adversario, nem desesperar da victoria final, mesmo quando, no empenho de alcançal-a, soffra pequenos contratempos.

Para sermos induzidos a procurar essa util diversão, de preferencia a outros jogos que não possuem eguaes vantagens, não

devemos desprezar certas particularidades que augmentam a satisfação entre os jogadores.

Toda e qualquer acção, palavra indiscreta, inconveniente, ou que possa canzar desgosto, deve ser banida, como contraria á principal intenção dos jogadores, que é passar agradavelmente o tempo.

Conseqüentemente: — 1º, Si nos obrigamos a seguir, com todo o rigor, as leis do jogo, é necessario que ellas sejam estritamente observadas por ambos os jogadores, e não por um, com exclusão do outro, porquanto não é isso justo.

2º — Tendo-se concordado em não observar com exactidão as regras do jogo, si um jogador pedir indulgencia, deverá este fazer ao adversario a mesma concessão.

3º — Nunca deveis fazer um lance falso com o intuito de fugir de alguma difficuldade, ou de obter vantagem.

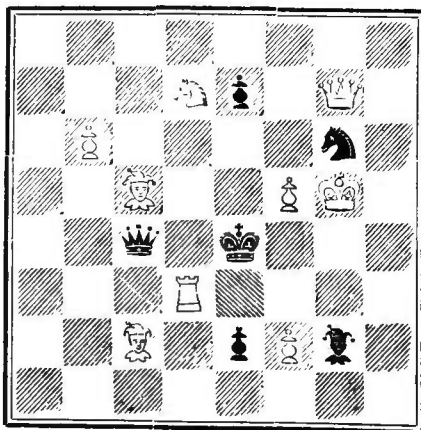
Nenhum prazer teremos mais de jogar com quem foi descoberto praticando tal manobra fraudulenta.

4º — Si o vosso adversario jogar lentamente, não deveis *apressal-o*, nem mostrarvos aborrecido de sua demora.

Não se deve cantar, assobiar, olhar para o relógio, tomar de um livro para ler, nem bater com os pés no chão, ou com os dedos na mesa, ou qualquer outra coisa que possa distraí-lo, porque taes feitos desagradam e nada provam que se jogue bem, e só indicam velhacaria e incivildade.

5º — Não deveis procurar entreter ou enganar o adversario, dizendo-lhe que vos enganastes no lance e perdestes a partida, com o intuito de inspirar-lhe seguridade ou levar-o a negligencia, para impedir que veja vossos projectos, por isso que tal coisa não mostra habilidade, sinão trapaça e fraude.

(Continúa)

PROBLEMA N. 30
Hubert Prochazka
PRETAS (6)

BRANCAS (9)

Mate em dois lances

PARTIDA N. 31 (a)

(Jogada no torneio do Club dos Diarios a 30 de setembro de 1904)

RUY LOPEZ

Branças	Pretas
(Augusto Silva)	(Frota Pessôa)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B D
B 5 C D — 3 —	P 3 T D

B 4 T D — 4 —	C 3 B R
Roque — 5 —	B 2 R
P 4 D — 6 —	Roque
P × P — 7 —	C R × P
P 4 B D (b) — 8 —	C 4 B D
B 2 B D — 9 —	C 5 C D
C 3 B — 10 —	C × B
D × B — 11 —	P 3 B D (c)
P 4 C D — 12 —	C 3 R
P 5 B D (d) — 13 —	P 4 T D! (e)
B 2 D (f) — 14 —	P × P
C 4 R — 15 —	P 3 B R
B × P — 16 —	P × P
T D 1 D — 17 —	P 3 C D
C 6 D — 18 —	P × P (g)
B × P — 19 —	C × B
D × C — 20 —	B × C (h)
T × B — 21 —	B 3 T
T 1 R — 22 —	B 4 C
D 3 R — 23 —	P 5 R? (i)
D 3 C x (j) — 24 —	R 1 T
T × P R — 25 —	D 4 T
C 5 C? (k) — 26 —	D × P T!
D × D — 27 —	T × D
C 7 B x?? — 28 —	R 1 C
P 4 T (m) — 29 —	T × C
T 8 R x — 30 —	T 1 B
T 7 R — 31 —	T (1 B) × P B
R 2 T (n) — 32 —	T × P x
R 3 T — 33 —	B 8 B
Abandonam (o) — 34 —	

(a) Publicamos esta partida como um curioso exemplo de uma falta aberrativa da parte de um forte jogador, no momento preciso da victoria e após um ataque vigoroso e bem seguido, contra o qual não prevaleceu a defeza desesperada do adversario, que estava positivamente perdido.

(b) Para abrir uma retirada ao Bispo.

(c) As Pretas querem evitar a entrada do Cavallo a 5 D.

(d) Bem jogado. O fim das Brancas é collocar mais tarde o seu Cavallo a 6 D.

(e) Para romper a ameçadora linha de piões.

(f) Parece, realmente, o melhor lance.

(g) Os piões estão liquidados, mas o ataque das Brancas é fortissimo.

(h) As Brancas ameçavam 21—D 4 B x, R 1 T; 22—C 7 B x.

(i) Si 23... T × P; 24—D 3 C x, ganhando a torre. Em todo o caso o lance do texto é máu. A situação das Pretas é difficil.

(j) Si 24—D × P, T × P!, sem o perigo assinalado anteriormente.

(k) As Brancas deixam escapar uma victoria certa. O lance justo era 26—C 5 R!, D × P; 27—C 6 C x!, P × C; 28—T 4 T mate. E a qualquer outra resposta das Pretas, como a analyse demonstrou, a sua ruina é prompta e inevitavel.

(l) Este lance é inaudito. As Brancas julgavam que as Pretas tomassem o cavallo!

(m) A partida podia ser abandonada aqui. E' forçoso entregar o cavallo por causa de T 8 T mate.

(n) Para escapar ao mate em 3 lances,

(o) Si 34—P 5 T, T 3 C x. d.; 35—R 4 T, T 7 T D mate. E a qualquer outro lance as Brancas perdem uma torre.

Tacilo & Lipman — Recebemos e agradecidos.

— Recebemos de um dos nossos leitores — respeitavel engenheiro residente em Petropolis — um pedido para que déssemos as variantes dos problemas em 2 lances. Não o fazemos, perdõe-nos s. ex., porque é preciso não conhecer o movimento das peças para não achar essas variantes, dada a inicial.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 29 (Max Feigl): 1—T 6 C R.

JOSÉ GETULIO.